



ISPA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**O PENSAMENTO
CONTRAFACTUAL EM DIVERSOS
TIPOS DE EVENTOS SOCIAIS**

Jessica José Fernandes Farinha

Orientador da dissertação:

PROFESSORA DOUTORA ANA CRISTINA QUELHAS

Coordenador de Seminário de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA ANA CRISTINA QUELHAS

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

2017

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Professora Doutora Ana Cristina Quelhas, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

Agradecimentos:

Revelou-se, ainda que difícil, gratificante, poder realizar este estudo, várias pessoas acompanharam-me durante este percurso agitado e como tal gostaria de deixar o meu agradecimento a todos eles.

Gostaria de agradecer em primeiro lugar à Professora Doutora Ana Cristina Quelhas, pela orientação, pelas palavras de apoio e motivação, pelas críticas construtivas, pois sem as mesmas não teria sido capaz de concluir o trabalho com êxito.

Quero agradecer aos meus pais, porque este trabalho não seria possível sem a confiança e esperança que sempre me transmitiram, são vocês e a vossa força que me faz lutar e acreditar que consigo sempre atingir mais e melhor.

Não podia deixar de agradecer ao meu namorado que me acompanhou durante este processo e sempre ouviu os meus desabafos, esteve sempre presente em dias menos bons, com uma palavra de conforto.

Aos meus amigos que me acompanharam durante esta fase, em especial à Jéssica França, Nuno Correia, Ana Farinha, Ana Ramos e à minha madrinha Teresa Gomes. Quero agradecer pelos momentos de boa disposição que tivemos e que contribuíram para ultrapassar com um sorriso os obstáculos que surgiam, pelo vosso apoio e disponibilidade, pelas palavras de carinho e de força. Pelos conselhos e também pelas críticas, vocês foram indispensáveis para a concretização deste trabalho.

Deixo o meu mais sincero agradecimento à Escola Padre Manuel Álvares pela autorização e pela disponibilidade que demonstrou desde o primeiro dia. Agradeço também aos professores que dispenderam algum tempo da sua aula para aplicar os questionários.

A todos os restantes que de algum modo contribuíram para a finalização deste trabalho quero deixar o meu muito obrigada, em especial os restantes familiares que sempre acreditaram em mim.

Resumo

Estudos recentes sobre o pensamento contrafactual relatam a importância da sociedade na criação de normas e regras perante as quais os indivíduos se vêm obrigados a seguir, afetando o seu pensamento e julgamento.

No entanto, não existem estudos que se debrucem sobre a influência das situações sociais no pensamento contrafactual dos adolescentes.

O principal objetivo deste estudo é compreender se existem diferenças em relação ao pensamento contrafactual quando se experienciam diferentes situações sociais (e.g. ajudar um idoso; beber com os amigos) em dois grupos distintos: adolescentes e adultos.

Foram criadas e aplicadas três histórias a 72 participantes: 36 adultos com idades compreendidas entre os 35 e os 50 anos, e 36 adolescentes entre os 15 e os 16 anos, de forma a testar que contrafactuais eram utilizados mediante diferentes cenários, e se as normas da sociedade iriam desempenhar um papel importante nos mesmos.

Era esperado que a amostra de adultos realizasse mais contrafactuais sobre os eventos inapropriados apresentados, no entanto, os resultados mostraram que os adolescentes pareciam mais preocupados em estar de acordo com as normas da sociedade. Em suma, foi possível observar, no geral, uma maior mutabilidade do evento inapropriado do que do evento apropriado, sendo essa diferença ainda mais acentuada na adolescência.

Palavras-chave: Pensamento contrafactual; Mutabilidade; Aceitação social.

Abstract

Recent studies focusing on counterfactual thinking report the importance of society in the creation of norms and rules in which individuals feel obligated to comply, affecting their thoughts and judgement.

However, there aren't any studies that focus on the influence of social situations in the counterfactual thinking of teenagers.

The main goal of this study is to understand if there are any differences between the counterfactual thinking in different social interactions (e.g. helping an elderly; drinking with friends) of two distinct groups: adults and teenagers.

Three stories were created and administered to 72 participants, 36 adults (ages 35 to 50), and 36 teenagers (ages 15 to 16) to test which counterfactuals were used according to hypothetical different social interactions, and if society norms play an important role in them.

Initially we predicted that adults used more counterfactuals regarding inappropriate events, however, results showed that teenagers were more worried to comply to society norms than adults. In sum, we observed a greater mutability of the inappropriate event than on the appropriate event, especially in adolescence.

Keywords: Counterfactual Thinking; Mutability; Social Acceptance.

Índice

1. Introdução	1
2. Categorização e função do pensamento contrafactual	5
2.1. Direção e estrutura	5
2.2. Função afetiva e preparatória	7
2.3. Experiências emocionais	8
2.4. Juízos morais	9
3. Mutabilidade	11
3.1. Controlável e incontrolável	12
3.2. Situações controláveis e as normas sociais	13
3.3. Ação e inação	14
3.4. Eventos excepcionais	15
3.5. Ordem temporal	17
4. Formulação de hipóteses.....	18
5. Método	20
5.1. Participantes	20
5.2. Delineamento	20
5.3. Material e procedimento	20
6. Resultados.....	23
6.1. Análise estatística.....	24
7. Discussão geral	28
9. Referências.....	35
Anexos	41
Anexo A – Categorização da amostra	42
Anexo B - Pré-teste	43
Anexo C - Material aplicado	47
Anexo D - Consentimento informado para as crianças e de seguida o de adultos.....	50
Anexo E – Output do acordo inter-juízes, Kappa de cohen.	52
Anexo F- Wilcoxon test, relativo a H1	53
Anexo G- Wilcoxon teste, relativo a H2	54
Anexo H – Comparação de grupos utilizando o teste de Mann-Whitney.	55

Lista de Tabelas:

Tabela 1. Percentagem do foco de mudança na ação do personagem principal ou outro nos dois níveis etários.....	24
Tabela 2. Percentagem de contrafactuais criados pelos diferentes grupos, nas diferentes categorias.	25
Tabela 3. Frequência e percentagem do sexo na amostra.	42
Tabela 4. Frequência, percentagem e média das idades na amostra.	42
Tabela 5. Nível de escolaridade dos adultos da amostra.....	42
Tabela 6. Output do acordo inter-juizes, Kappa de cohen.....	52
Tabela 7. Teste de Wilcoxon para a amostra de adolescentes, comparação do evento incontrolável com o evento inapropriado e comparação do evento incontrolável com o evento apropriado.....	53
Tabela 8. Teste de Wilcoxon para a amostra de adultos, comparação do evento incontrolável com o evento inapropriado e comparação do evento incontrolável com o evento apropriado.....	53
Tabela 9. Teste de Wilcoxon para a amostra de adolescentes, comparação do evento apropriado com o inapropriado.....	54
Tabela 10. Teste de Wilcoxon para a amostra de adolescentes, em relação à comparação do evento apropriado com o inapropriado.	54
Tabela 11. Teste de Mann-Whitney para a comparação entre grupos, dos diferentes contrafactuais criados.....	55

1. Introdução

Imaginar como uma situação poderia ter sido diferente é uma característica universal do pensamento humano, ocorrendo naturalmente, mesmo em crianças muito novas (Harris, 2000, citado por McEleney & Byrne, 2006).

Muitas são as vezes em que pensamos em alternativas para uma determinada situação, como por exemplo “*se tivesse acordado mais cedo teria apanhado o comboio*” ou “*se tivesse estudado mais teria uma melhor nota*”. Uma característica importante do pensamento humano é a capacidade de pensar em como as situações podiam ser diferentes, denominado de pensamento contrafactual. Deste modo, os pensamentos contrafactuais são representações de situações e ações passadas (Epstude & Roese, 2008) e pode ser definido como representações mentais de versões alternativas para o passado (Roese & Olson, 1997; Sanna e Turley-Ames, 2000; Epstude & Roese, 2008).

Este pensamento tem a forma de proposições condicionais, onde o antecedente corresponde a uma ação e o conseqüente corresponde a um resultado (e.g. “*se eu tivesse estudado, teria passado no exame*”) (Roese & Olson, 1995/2014; Epstude & Roese, 2008; Smallman & Roese, 2009; Smallman & McCulloch, 2012). Este tipo de pensamento surge particularmente quando o desfecho da situação não era o esperado e/ou desejado (Roese, 1997; Sanna & Turley-Ames, 2000; Kahneman & Varey, 2008; Scholl & Sassenberg, 2014).

Quando ponderamos as alternativas possíveis a uma determinada situação estamos sempre a partir de uma situação factual, ou seja, de algo que aconteceu (Mandel, 2003). Assim, o pensamento contrafactual é a comparação de uma situação factual (e.g. Perdi o comboio) com uma alternativa simulada (e.g. se tivesse saído de casa mais cedo então não tinha perdido o comboio) (Segura & McCloy, 2001). Existe uma diferença importante entre o pensamento factual e contrafactual, pois no pensamento factual a representação inicial compreende à partida uma possibilidade, enquanto que, no pensamento contrafactual é ponderada à partida duas possibilidades (Byrne & Tasso, 1999; Byrne & Quelhas, 1999; Byrne, 2005).

Para compreender melhor este processo consideremos a seguinte condicional factual, “se a Joana for ao cinema então compra o bilhete”. A partir desta condicional as pessoas pensam na possibilidade em que a Joana vai ao cinema e compra o bilhete. Por outro lado,

perante uma condicional contrafactual, “se a Joana tivesse ido ao cinema então teria comprado o bilhete”, pensam em duas possibilidades, a Joana vai ao cinema e compra o bilhete (possibilidade contrafactual) e a Joana não vai ao cinema e não compra o bilhete, supondo que foi esta última possibilidade o que realmente aconteceu (Byrne, 1997 citado por Byrne & Quelhas, 1999; Byrne, 2005).

O pensamento contrafactual será ativado devido a uma situação aversiva, ocupando o afeto negativo, um papel importante na criação de alternativas (Roese & Olson, 1997; Roese & Epstein, 2017). Este tipo de pensamento é essencial na compreensão das consequências das ações (Markovits, 2014), influencia diversas atividades cognitivas (Byrne, 2002) e ajuda a melhorar o comportamento futuro (Markovits, 2014) através da criação de objetivos pessoais para alcançar certos desejos, obrigando o sujeito a comportar-se de uma determinada forma, particularmente nas interações sociais (Roese & Olson, 1997; Smallman & Roese, 2009; Roese & Epstein, 2017). As versões alternativas criadas resultam, segundo a teoria da norma de Kahneman e Miller (1986), da comparação realizada entre o resultado experienciado e o objetivo a alcançar, sendo que a discrepância entre os dois determinará a reação afetiva e cognitiva. Por exemplo, um aluno que espera conseguir dez valores no exame e apenas obteve oito valores, experienciará afeto negativo (e.g. desapontamento).

O mecanismo básico sobre o qual os contrafactuais são construídos é na conversão de antecedentes mutáveis de volta ao seu valor normal. Por exemplo: o João voltou para casa, após um dia de trabalho, seguindo um caminho diferente do habitual, e pelo caminho tem um acidente de carro. Segundo a teoria da norma o pensamento do João seria, “*se tivesse ido pelo caminho habitual então não teria tido o acidente*”. Como é observável, ocorreria a mudança do antecedente, que neste caso foi o regresso a casa por um caminho não habitual (Kahneman & Miller, 1986; Roese & Olson, 1995/2014).

As situações podem ser mais ou menos alteradas de acordo com a sua mutabilidade, ou seja, com a facilidade com que surgem alternativas à mente. Os indivíduos estão mais propensos a alterar situações controláveis em vez de incontroláveis (Giroto, Legrenzi & Rizzo, 1991; McCloy & Byrne, 2000), ações em vez de inações (Gilovich & Medvec, 1994; Byrne, 2005; Walsh & Byrne, 2007), eventos excepcionais em vez de usuais (Kahneman &

Tversky, 1982; Kahneman & Miller, 1986; Roese & Olson, 1997) e são também influenciados pela ordem temporal (Wells, Taylor & Turtle, 1987; Byrne, 2002; Walsh & Byrne, 2004).

Através do trabalho de McCloy e Byrne (2000) podemos observar que os pensamentos contrafactuais também têm em consideração a percepção do indivíduo sobre se a situação é socialmente adequada ou não.

Sabemos, no entanto, que a definição do que é socialmente adequado, varia de acordo com os diferentes indivíduos e de acordo com a faixa etária em que se encontram. A formação da nossa identidade e conseqüentemente as representações das normas sociais são influenciadas por vários fatores, nomeadamente intrapessoais, interpessoais e culturais (Schoen-Ferreira, Aznar-Farias & Silveiras, 2003).

A representação social é composta por diversas características, existe num plano social e individual, resulta de experiências anteriores, orienta e justifica comportamentos que levam o indivíduo a agir de acordo com essas representações. Fazemos uso da mesma para avaliar uma certa realidade, dando sentido ao que é observado (Dias, 2009).

Na idade de 15 e 16 anos, os adolescentes tornam-se menos auto-centrados, adquirindo uma maior capacidade de cedência e aprendem a pensar em si mesmos e a tomar decisões. Em termos morais, começam a questionar conceitos e valores, criando os seus próprios (Fenwick & Smith, 1993 citado por Silva, 2013).

Nesta faixa etária o grupo revela-se uma entidade indispensável (Dias, 2009). A socialização do adolescente passa pelas relações de amizade que desenvolve com o grupo e representa o caminho para a maturidade e para a autonomia da tutela parental (Silva, 2004 citado por Dias, 2009). Por vezes veem-se expostos à pressão dos pares, pois fazer parte de um grupo implica estar em conformidade com os interesses e desejos do mesmo, o que torna difícil manter a preferência individual (Clasen & Brown, 1985 citado por Ribeiro, 2011).

Este envolvimento com o grupo pode estar associado a possíveis problemas como comportamentos de risco (Keena, Loeber, Zhang & Stouhamer, 1995, citado por Ribeiro, 2011), no entanto, para os adolescentes este tipo de comportamentos pode representar conformidade com as normas do grupo, demonstrando compromisso e lealdade (Newman & Newman, 1986, citado por Ribeiro, 2011).

O principal objetivo deste estudo é verificar se existem diferentes formas de pensar sobre os eventos sociais (por eventos sociais referimo-nos a ações realizadas num contexto social, como por exemplo, ajudar um idoso ou ir a um bar) em dois grupos de faixas etárias distintas: adolescentes (15/16 anos) e adultos (35/50 anos), examinando se os eventos sociais, considerados apropriados ou inapropriados, serão mais mutáveis por uma faixa etária do que por outra.

Até à data não existem investigações relacionando as situações socialmente apropriadas ou inapropriadas com o pensamento contrafactual na faixa etária dos adolescentes. Kohlberg (1981, citado por Sousa, 2006) afirma que os indivíduos a partir dos 10/11 anos ainda sofrem transformações no desenvolvimento moral, sendo a adolescência um período de construção de valores sociais. A faixa etária escolhida dos adolescentes para este estudo deve-se ao facto de estarem mais próximos da entrada na idade adulta, e deste modo se encontrarem mais desenvolvidos do ponto de vista moral do que um adolescente aos 11 anos. Mas, será que os eventos socialmente inapropriados desencadeiam o mesmo tipo de pensamento, quando comparamos o pensamento de um adolescente com o de um adulto?

É expectável que, tal como no estudo de McCloy e Byrne (2000), o evento social apropriado seja um fator com mais importância na faixa etária dos adultos, levando-os deste modo a focarem a mudança nos eventos inapropriados. No caso dos adolescentes, é notória a procura constante de aceitação pelo grupo de pares, sendo por vezes realizados comportamentos que muitos adultos consideram inapropriados ou desviantes (Dias, 2009; Keena et al 1995, citado por Ribeiro, 2011), como fumar uma “ganza” com os amigos. No entanto, para os adolescentes, este comportamento pode não ser considerado desadequado, pois o foco é o de conquistar a amizade dos outros indivíduos e, portanto, não suscitará a necessidade de o mudar.

Tendo em conta o trabalho a realizar será importante focar diferentes temas ao longo da revisão da literatura, como os conceitos chave do pensamento contrafactual, a categorização e função deste pensamento, a importância das emoções na criação dos contrafactuais e nos juízos morais. Será abordado a mutabilidade dos mesmos, sendo este último fundamental para compreender como será avaliado o foco de mudança no pensamento contrafactual dos sujeitos.

2. Categorização e função do pensamento contrafactual

2.1. Direção e estrutura

Os pensamentos contrafactuais envolvem a comparação entre a realidade e o que poderia ter ocorrido, tornando muitas vezes as reações emocionais mais extremas, podendo influenciar a tomada de decisão (Roese & Olson, 1997). Este processo põe em evidência que os contrafactuais podem ser categorizados de várias formas, entre elas a sua direção (pensamentos ascendentes *vs* descendentes), estrutura (aditivos *vs* subtrativos) e foco social (ação do próprio ou de outro) (Roese & Olson, 1997; Roese & Epstude, 2017).

Os contrafactuais ascendentes são pensamentos acerca de como as situações poderiam ter sido melhores e tendem a intensificar sentimentos negativos como o arrependimento, o remorso e o desapontamento (e.g. *se eu não tivesse ido por esta estrada então não teria tido o acidente*) (Roese & Olson, 1997; Sanna & Turley-Ames, 2000; Wong, E.M., Galinsky, A.D. & Kray, L.J., 2009). Este tipo de contrafactuais são normalmente ativados após situações de valência negativa para o sujeito (Sanna & Turley-Ames, 2000) de forma a que sejam encontradas alternativas para melhorar o seu comportamento no futuro (Roese & Olson, 1997).

Por outro lado, os contrafactuais descendentes comparam a realidade com finais alternativos que poderiam ter um resultado mais negativo e tendem a intensificar sentimentos como a alegria ou surpresa, levando o indivíduo a sentir-se sortudo ou aliviado por ter evitado uma alternativa desastrosa, (e.g. *se eu não tivesse travado então poderia ter morrido*) (Roese & Olson, 1997; Wong et al. 2009). Este tipo de contrafactuais mantêm o estado emocional atual (Roese & Olson, 1997).

Desta forma, os pensamentos ascendentes podem ter uma maior utilidade em comparação com os descendentes, porque provocam no indivíduo uma tentativa de melhorar a situação ao invés de permanecer igual (Roese & Olson, 1997; Roese & Epstude, 2017). No estudo de Medvec, Madey e Gilovich (1995) dedicado aos atletas olímpicos, ficou comprovado que os atletas que receberam a medalha de bronze tendiam a sentir-se felizes através do pensamento descendente, pois pensavam na alternativa em que ficavam em 4º lugar, enquanto que, os vencedores da medalha de prata sentiam-se menos felizes devido a pensamentos ascendentes, pois estavam mais perto de ganhar a medalha de ouro.

É mais saliente o esforço do indivíduo em melhorar após eventos negativos, existindo a tendência para manter-se mais estagnável após eventos de valência positiva (Sanna & Turley-Ames, 2000). Os contrafactuais criados poderão ser afetados pelo humor (Sanna e Turley-Ames, 2000), sendo criados mais contrafactuais ascendentes quando a situação pode vir a ser repetida, provavelmente esperado de que possa melhorar o seu desempenho futuramente (Markman, Gavanski, Sherman & McMullen 1993; Roese & Summerville, 2005). Assim sendo, se o indivíduo está interessado em melhorar mais do que em manter o estado atual, os pensamentos ascendentes serão mais benéficos (Roese & Olson, 1997).

Para além da sua direção, os pensamentos contrafactuais podem ser categorizados segundo a sua estrutura. Estes podem ser aditivos, no qual é adicionado um elemento à sequência que terá levado ao resultado, ou subtrativos, onde está patente a subtração de um elemento da sequência que levou ao desfecho da situação (Roese & Olson, 1997, Epstude & Roese, 2008).

A nível estrutural os contrafactuais aditivos podem ser mais úteis dos que os subtrativos, pois os aditivos levarão à criação de planos e tentativas de aperfeiçoar o seu estado atual, enquanto que os subtrativos apenas removem uma opção sem adicionar outro elemento mantendo o indivíduo num estado estagnado (Roese & Olson, 1997).

Um pensamento contrafactual de uma situação que tenha ocorrido com uma distância temporal mais alargada evoca mais contrafactuais aditivos, adicionando uma nova ação, enquanto que num passado mais recente serão evocados em maioria contrafactuais subtrativos, para reduzir o arrependimento baseado na ação, removendo o comportamento (Smallman & McCulloch, 2012).

No entanto, não é apenas a direção e estrutura do pensamento que contribuirá para uma melhoria na performance, mas também o foco da ação, ou seja, se a ação é realizada pelo próprio (e.g. *“se eu não tivesse estudado então não teria passado no exame”*) ou por outro (e.g. *“se ao menos o teste fosse fácil, então eu teria uma melhor nota”*) (Roese & Olson, 1995/2014). Se esta mudança estiver direcionada a uma ação do próprio pode contribuir para uma melhoria comportamental (Morris e Moore, 2000; Roese & Epstude, 2017).

Resumindo, em relação à sua utilidade para atingir os objetivos, os pensamentos contrafactuais ascendentes, aditivos e de foco na ação do próprio, serão mais benéficos para melhorar a performance, construindo soluções para alterar o comportamento (Roese & Epstude, 2017). São criadas alternativas por diversas razões, sejam elas melhorar o estado afetivo ou melhorar comportamentos futuros, como será abordado de seguida.

2.2. Função afetiva e preparatória

Para compreender inteiramente o que a mente faz quando elabora cenários contrafactuais é necessário perceber o propósito do pensamento contrafactual (Byrne, 1997). Este pensamento tem diversas funções/utilidades, entre elas a preparação para o futuro, modelar as emoções da experiência e suportar os juízos morais (McEleney & Byrne, 2006).

Os contrafactuais podem ter uma função preparatória, estando normalmente ligados aos contrafactuais ascendentes, pois implicam a imaginação de como as coisas poderiam ter resultado num fim mais satisfatório (Byrne & Quelhas, 1999). Este género de pensamento surge com o intuito de ajudar o indivíduo a melhorar as suas ações, de forma a progredir e tornar-se melhor futuramente, por exemplo “*se eu tivesse estudado mais teria tirado melhor nota*”, (Markman et al. 1993; Roese & Olson, 1995/2014; Byrne, 2002; Roese & Epstude, 2017).

Para além da função preparatória os contrafactuais podem também apresentar uma função afetiva, estando ligados sobretudo aos contrafactuais descendentes, imaginando como as coisas poderiam ter sido piores (Byrne & Quelhas, 1999; Roese & Epstude, 2017). Os indivíduos estrategicamente geram estes pensamentos de modo a que se sintam melhor, por exemplo, “*se não tivesse passado a noite toda a estudar teria tirado uma má nota*” (Markman et al. 1993; Roese & Olson, 1995/2014; Roese & Epstude, 2017).

O pensamento contrafactual é uma ferramenta importante para manter o desenvolvimento do indivíduo. Se o indivíduo não acredita nas suas capacidades, terá menos intenções de progredir (Scholl & Sassenberg, 2014), colocando de lado a capacidade de aprender com o insucesso, levando a manter-se num estado não evolutivo (Epstude & Roese, 2008). Um aluno que chumba num exame pode criar um pensamento como, “*se tivesse estudado mais então teria passado*”, e deste modo este pensamento adquire uma função

preparatória, no sentido de melhorar a performance, para conseguir agir de forma diferente futuramente (Roese & Olson, 1997).

Concluimos que a função do pensamento contrafactual é auxiliar os indivíduos a compreenderem porque é que algo aconteceu, perceber o papel causal dos eventos e imaginar como poderiam evitar o resultado (Roese & Olson, 1995/2014). Se não for tomada em consideração as alternativas para a realidade, o passado é aceite como irreversível e leva à crença que o futuro não será diferente. Assim, a criação de contrafactuais permite pensar sobre possibilidades alternativas para o futuro e prepara o sujeito para o mesmo (Johnson & Sherman, 1990). Posto isto, os pensamentos contrafactuais ascendentes são mais úteis para a preparação para o futuro, enquanto que os descendentes são mais úteis para regular o afeto (Roese & Epstude, 2017).

Assim as emoções e os contrafactuais estão intimamente ligados, sendo importante desenvolver um pouco este aspeto, que será explorado de seguida.

2.3. Experiências emocionais

Pensar sobre o que poderia ter acontecido intensifica emoções, fazendo com que os eventos parecem mais torturantes quando as alternativas sobressaem (Roese & Olson, 1997). A constante comparação entre a realidade e o que é expectável amplifica emoções, tanto negativas (e.g. arrependimento) como positivas (e.g. alívio). As emoções são uma base que influencia o pensamento contrafactual, ao mesmo tempo que o contrário também ocorre, ou seja, os pensamentos contrafactuais influenciam as emoções (Byrne, 2016).

Se os contrafactuais forem evocados por um sentimento negativo, manter o estado não é normalmente aceitável, pois se o afeto negativo é preservado o pensamento pode tornar-se disfuncional, levando a dificuldades de “*coping*”. (Roese & Olson, 1997). Este irá afetar o comportamento e juízos. A depressão e a ansiedade são exemplos de patologias associadas ao sentimento de arrependimento (Epstude & Roese, 2008; Roese & Epstude, 2017; Byrne, 2016).

Se permanecer o afeto negativo, o indivíduo entrará num estado ruminativo, tentando alterar um resultado que está fora do seu controlo, e criará sentimentos de culpa (Sherman & McConnell, 2014). Se sentimentos com valência negativa permanecerem durante meses ou anos, não será saudável para o indivíduo, que viverá constantemente arrependido a pensar

sobre o que poderia ter feito diferente. Por exemplo, imaginar que Y não teria ocorrido se não tivesse feito X, sabendo que X poderia levar a Y, isto leva à formulação de pensamentos como, “*se eu tivesse tido mais cuidado isto poderia não ter acontecido*” (Miller & Turnbull, 1990). Assim, o pensamento de poder ter agido de forma diferente pode tornar-se persecutório, afetando o indivíduo.

Para além de modelar as experiências emocionais, os pensamentos contrafactuais são importantes no contexto diário dos indivíduos e nas interações sociais. Serão fundamentais na forma como visualizamos uma ação e criamos um juízo a partir da mesma, sendo agora abordado a questão dos juízos morais.

2.4. Juízos morais

Os nossos esquemas morais, ou seja, as normas sobre o que é considerado apropriado ou inapropriado, independentemente de ser diferente de acordo com as várias culturas, será um fator fundamental na geração de contrafactuais, em especial na interação social (Byrne, 2016).

Quando ponderamos sobre a ação de um indivíduo recorreremos a vários aspetos, como as normas sociais, que serão diferentes de acordo com o contexto no qual decorre a ação. Isto é, se imaginarmos um indivíduo a parar num bar e beber uma cerveja, esta pode ser uma situação considerada apropriada num contexto de celebração entre os amigos, no entanto, também pode ser inapropriada no contexto de beber sozinho quando deveria estar a realizar outra tarefa de maior importância. O pensamento contrafactual é então sensível às normas sociais (Byrne, 2005).

Fazemos uso das nossas crenças e valores morais para que seja possível realizar a distinção entre uma situação apropriada ou inapropriada. Quando pensamos sobre diferentes situações, ponderamos se o indivíduo teve culpa ou não do desfecho da situação, isto porque imaginamos cenários alternativos, onde observamos que o resultado poderia ter sido diferente, se o indivíduo tivesse agido de outra forma (Byrne, 2016).

A ação é avaliada e pode levar ao surgimento de visões que consideram o comportamento intencional ou não. A intenção estará ligada a um desfecho que serviu para cumprir um desejo, sendo consequência de uma ação planeada. O comportamento é então avaliado como intencional, tendo em conta vários fatores como: o desejo do indivíduo para

a ação, os planos para cumprir a ação, a consciência da ação e a capacidade para cumprir a ação (Malle e Knobe, 1997, citado por Rasga, 2015).

Quando o indivíduo tenta avaliar a situação e dar um sentido ao comportamento dos outros ao seu redor, é fundamental que considere as razões por detrás das ações (Grant & Mills, 2010, citado por Rasga, 2015), sendo necessário compreender as suas crenças e desejos. Imaginemos que o James vai à igreja para agradar a sua mãe, essa ação pode ter várias razões para o indivíduo, pois este pode gostar de agradar à mãe ou ter sido obrigado a realizar essa ação (Walsh & Byrne, 2007). Existe algum debate sobre se as razões causam ações, no entanto, é possível compreender que para uma razão explicar uma ação é necessário que a razão tenha levado o indivíduo a agir (Smith & Jones, 1986 citado por Walsh & Byrne, 2007).

Quanto mais facilmente é imaginada que a ação poderia ser diferente, mais precipitadamente é atribuída culpa a quem agiu (Williams & Less-Haley, 1996). Assim, é dada grande importância às escolhas dos indivíduos, porque são pessoas livres, tendo a capacidade de realizar escolhas que estão de acordo com a sua moralidade e interesses, que não magoam o seu grupo social e que são um resultado consciente dos seus pensamentos (Alquist, Ainsworth, Baumeister, Daly & Stillman, 2015). Portanto, as escolhas do sujeito desempenharão um papel fundamental na forma como as pessoas percebem a situação. A pessoa recebe mais culpabilização por um comportamento intencional, do que por um idêntico, mas não intencional. (Guglielmo & Malle, 2010).

Imaginar evitar o resultado implica ponderar sobre os aspetos que sejam mutáveis e, como anteriormente referido, existem antecedentes que são mais facilmente mutáveis que os outros. Sendo este o ponto fulcral no estudo dos contrafactuais e também neste estudo, no próximo tópico abordaremos a questão da mutabilidade, e da importância de ter estes fatores em consideração de forma a compreender porque é que umas situações desencadeiam mais contrafactuais que outras.

3. Mutabilidade

O pensamento contrafactual é um processo onde o indivíduo pondera alternativas a eventos factuais, através de um processo sistemático de mutabilidade dos eventos anteriores, ocorrendo a simulação de um novo resultado (Gavanski & Wells, 1989).

Mutabilidade refere-se à extensão com que uma situação pode ser imaginada de outra forma (Miller & Turnbull, 1990), i.e., a facilidade com que os elementos da realidade podem ser alterados cognitivamente, levando à criação dos contrafactuais (Roese & Olson, 1995/2014). Após desfechos trágicos, o indivíduo acede ao antecedente, modificando-o, na medida em que se o antecedente fosse outro poderia ter originado um desfecho diferente (Williams & Lees-Haley, 1996)

De acordo com a teoria da norma de Kahneman e Miller (1986), mencionada anteriormente, sabemos que será a disponibilidade das alternativas a um evento, que determinará a facilidade com que uma situação possa ser mutável. Assim, a presença de atributos mutáveis facilita a produção de alternativas para a presente realidade (Dehghani, Iliev & Kaufmann, 2012), sendo as mudanças realizadas sensíveis à distância temporal, influenciando a forma como nos colocamos perante as mesmas (Smallman & McCulloch, 2012).

Existem contextos que serão mais facilmente alterados de acordo com a situação, por exemplo, a frase, “*quase que apanhei o avião*”, será mais apropriada para alguém que perdeu o voo por cinco minutos do que para alguém que o perdeu por trinta minutos de atraso. É mais fácil imaginar uma alternativa para o indivíduo que perdeu o voo por cinco minutos, pois a alternativa onde o indivíduo chegou cinco minutos mais cedo está mais perto da realidade, do que imaginar uma alternativa para o indivíduo que chegou trinta minutos atrasado (Kahneman e Miller, 1986).

Uma possibilidade contrafactual deve então parecer “próxima” de se alcançar, através da alteração de algum fator mutável da realidade (Kahneman e Miller, 1986). As mudanças realizadas numa sequência de eventos podem ser baseadas em pequenas mudanças (e.g. Se eu tivesse chegado um minuto antes), ou em grandes mudanças, (e.g. se eu tivesse nascido 100 anos antes) (McCloy & Byrne, 2000).

Todas as mudanças, sejam pequenas ou grandes, são alternativas criadas e podem ser tantas quanto o sujeito se lembre, no entanto, as alternativas não são ilimitadas, existindo vários fatores limitantes, como as leis naturais, pois os sujeitos tendem a focar-se nos erros humanos ou mecânicos. Outro fator a considerar é a disponibilidade, ou seja, situações com maior disponibilidade para serem imaginadas mentalmente, e que são a base do sujeito para criar contrafactuais (ex. eventos controláveis ou não controláveis). É de igual modo necessário considerar o propósito ou objetivo, sendo que uma alternativa contrafactual só é expressa quando o sujeito a considerar adequada (Seelau, Seelau, Wells & Windschitl, 2014). No entanto, os autores não consideram impossível a criação de contrafactuais que alteram alguma lei da natureza, apenas consideram que será difícil para o sujeito o fazer, pois estará a opor-se a algo que é constante e inalterável, não se tornando viável este género de contrafactuais (Seelau et al. 2014).

As pessoas imaginam cenários possíveis, mas apenas os que podem ser possibilidades verdadeiras, mantendo na mente apenas as situações que alteradas adquirem um desfecho mais desejado (Walsh & Byrne, 2004). Existem, nas situações do quotidiano, fatores que tornam a disponibilidade de alteração maior, estando assim mais propensos a ser modificados. Estes fatores serão aprofundados individualmente de seguida.

3.1. Controlável e incontrolável

Por evento controlável entende-se aqueles que advêm de uma decisão intencional e deliberada do sujeito (McCloy & Byrne, 2000). Um evento controlado pelo protagonista da história é mais mutável do que um não-controlável. O evento controlável é o mais alterado comparando com os outros eventos mesmo quando não é apresentado na posição inicial (Giroto et al 1991).

Quando uma ação leva a um final não desejável os indivíduos frequentemente desejam não ter agido e perguntam porque o fizeram. A maioria dos indivíduos tendem a focar o seu pensamento, “*se ao menos...*”, nas ações controláveis (Giroto et al. 1991).

Giroto et al. (1991) apresentam um cenário onde o Mr. Bianch chega a casa demasiado tarde para salvar a mulher que está a morrer de ataque cardíaco. Acontecendo três eventos que atrasaram a sua chegada a casa, dois eram incontroláveis (ataque de asma que o obrigou a parar para pegar o inalador e acidentalmente partiu os óculos tendo de voltar

ao escritório para ir buscar outro par) e outro era controlável (parar num bar para beber uma cerveja). Os participantes, quando incentivados a pensar, “*se...então...*”, estavam mais propensos a modificar o elemento controlável em vez dos outros dois.

Isto acontece porque é mais fácil imaginar uma possibilidade onde o evento controlável não ocorreu (e.g. *não parar no bar*), do que pensar numa alternativa onde o evento incontrolável não ocorreu (e.g. *não ter tido um ataque de asma*) (Giroto et al. 1991). Deste modo, o facto do sujeito ter o controlo sobre a situação torna essa mesma situação altamente mutável.

3.2. Situações controláveis e as normas sociais

Verificamos que as ações controláveis são maioritariamente alteradas, no entanto, podemos observar, através do estudo realizado por McCloy e Byrne (2000) que existem situações controláveis que são mais propícias a serem alteradas, dependendo se a situação é socialmente apropriada ou não. Considerando o exemplo apresentado no estudo:

Mr. Ryan Worked in an office several miles from where he and his wife lived. Usually he went straight home from work, however, on the day in question he was delayed for a number of reasons. On leaving the office Mr. Ryan first decided to call and visit his parents who lived nearby. He then stopped and bought a newspaper. After this he hit rush hour and was delayed in a traffic jam. Following this he pulled into a drive through restaurant for a burger. When he finally arrived home Mr. Ryan found his wife on the floor. She had a heart attack and was dying. He tried to help but his efforts come too late. As commonly happens in such tragic situation, Mr. Ryan often said “if only...” in the days that followed.

(McCloy e Byrne, 2000; pp.1073)

Mr. Ryan é atrasado por diversos motivos: um evento é incontrolável (o trânsito) enquanto que os outros três são controláveis. Destes três eventos controláveis, um é socialmente apropriado (visitar os pais), outro socialmente inapropriado (parar para comer um hambúrguer) e o outro neutro (comprar um jornal).

Foi possível observar que os participantes se focaram maioritariamente na decisão de parar para comer um hambúrguer, o único evento no contexto que era controlável e ao mesmo tempo inapropriado. Não existiu a tendência para imaginar alternativas para a ação adequada moralmente (visitar os pais) (McCloy & Byrne, 2000).

Quando os sujeitos pensam sobre um evento inapropriado criam mentalmente uma situação alternativa contrária, neste caso um evento socialmente apropriado, sendo fácil imaginar uma alternativa mais adequada. Torna-se difícil modificar uma ação adequada pensando na alternativa contrária, ou seja, a ação desadequada, pois é moralmente incorreto modificar uma ação adequada (McCloy & Byrne 2000).

É, portanto, mais fácil modificar um evento controlável do que um evento incontrolável, não obstante, se tivermos em consideração apenas os eventos controláveis, existirá uma grande dificuldade para alterar o que é socialmente apropriado, depositando maior foco no evento controlável e socialmente inapropriado.

3.3. Ação e inação

Um resultado negativo que vem após uma ação que é inusual ou desnecessária, está mais propenso a criar uma reação, e essa ação sofre então uma mudança de forma a obter um desfecho mais positivo (Miller & Turnbull, 1990).

Existe uma tendência geral para que o foco de mudança seja na ação e não na inação, pois realizar uma ação leva a que seja produzido um sentimento de “*eu fiz isto a mim mesmo*”. Gilovich e Medvec (1994;1995) demonstram este aspeto na sua investigação, onde apresentam um cenário com dois indivíduos que estão insatisfeitos com a sua universidade. Um dos sujeitos muda de universidade e o outro mantêm-se na mesma, sendo que no final ambos continuam desagrados. A maioria dos participantes considerou que o indivíduo que sentiria maior arrependimento seria o que mudou de universidade, pois não melhorou o seu estado.

Os indivíduos antecipam sentir maior arrependimento logo no momento após a ação, pois o sujeito despendeu o seu tempo e esforço, que o levou a um resultado não desejável, suscitando o desejo de não ter realizado a ação, sentindo-se culpado pelo desfecho (Walsh & Byrne, 2007). No entanto, numa perspetiva a longo prazo, são os insucessos para agir que causam mais arrependimento (Gilovich & Medvec, 1994; 1995; Hattiangadi, Medvec & Gilovich, 1995; Roese & Summerville, 2005).

Quando os indivíduos avaliam uma ação, têm sempre em consideração as razões que levaram o indivíduo a agir, sejam estas razões internas, ou seja, derivam de desejos e objetivos do indivíduo, ou razões externas, provenientes do exterior, como obrigações,

regras, normas e tradições, e ainda de forma comunicativa através de ordens, pedidos e questões. Existe a criação de um maior número de contrafactuais para ações em que o indivíduo agiu de acordo com uma razão interna e menos quando as ações advêm de algo externo, por exemplo, de uma obrigação (Walsh & Byrne, 2007).

As obrigações são menos mutáveis pois os indivíduos entendem-nas pensando em duas possibilidades, a permitida e a proibida. É fácil imaginar uma alternativa a um evento proibido mudando-o mentalmente para um permitido, mas será difícil mudar um evento permitido pensando numa alternativa proibida (Walsh & Byrne, 2007). Consideremos o seguinte exemplo, “*o John foi ao bar tomar uma bebida*”, os indivíduos têm tendência a pensar em mais alternativas acerca de razões internas como “*se ao menos o John não lhe apetecesse uma bebida*”. No entanto, se apresentada uma razão externa como a obrigação de estar numa festa do seu patrão, é mais difícil pensar numa alternativa (Byrne, 2005).

As obrigações são vistas como algo imutável (Byrne, 2005), uma vez que para entender uma obrigação os indivíduos pensam sobre o que é permitido e o que não o é, assim as mudanças mentais focam-se sobre o que é socialmente inapropriado (McCloy & Byrne, 2000).

As obrigações providenciam uma boa razão para justificar a ação, não cumprir as obrigações é mal visto pela sociedade. Quando é violada uma obrigação existe a tendência para pensar não apenas no que foi feito, mas também no que deveria ter sido feito (Byrne, 2005). As razões externas adquirem assim um papel mais imutável, sendo as razões internas alvo de maiores mudanças.

3.4. Eventos excepcionais

Existe uma tendência para os indivíduos alterarem antecedentes excepcionais de forma a torná-los em antecedentes normais, ou seja, situações excepcionais são alvo de mais contrafactuais do que eventos que fazem parte da rotina (Kahneman & Miller, 1986; Roese & Olson, 1997).

Uma demonstração deste efeito é apresentada por Kahneman e Tversky (1982) onde criam dois cenários alternativos, num o Mr. Jones sai mais cedo do trabalho do que o normal e outro em que o Mr. Jones foi por um caminho não habitual. Em ambos morre num acidente de carro, os pensamentos que advêm deste episódio serão do género, “*se ao menos ele tivesse*

ido pelo caminho habitual então não teria o acidente” e “se ao menos ele tivesse saído a horas normais então o acidente não aconteceria”.

Os participantes alteravam assim o evento excepcional no sentido da norma. Os autores referem que, muito provavelmente se o acidente tivesse acontecido, mas ele tivesse saído a horas normais, não ocorreria às pessoas que o mesmo poderia ser evitado se o indivíduo tivesse saído mais tarde ou mais cedo do trabalho, comprovado assim o efeito da excepcionalidade (Kahneman & Tversky, 1982).

Outros estudos demonstram este efeito, indicando que um evento excepcional está mais suscetível de ser alterado, na medida em que mais facilmente ocorre ao indivíduo o comportamento habitual (Miller & McFarland, 1986; Macrae, 1992).

Os indivíduos modificam o que consideram fundamental e que poderia ter alterado o resultado final, não alteram uma ação excepcional para uma mais usual se essa não levar a um desfecho mais satisfatório. É então mais provável acontecer o pensamento contrafactual perante eventos inusuais ou excepcionais opostos às rotinas, quando a alternativa significa alcançar um melhor resultado possível (Kahneman & Tversky, 1982).

Kahneman e Miller (1986) interpretam então este efeito como uma tendência dos contrafactuais em estimular a normalidade, pois este pensamento é limitado pelos contornos da lógica. Gavanski e Wells (1989) têm uma visão diferente, e sugerem que a alteração dos antecedentes excepcionais com o intuito de procurar a normalização, é limitada apenas aos casos em que o resultado também é um evento excepcional, e, portanto, não é uma tendência universal.

Imaginemos um indivíduo que decide ir para casa por um caminho não habitual e, entretanto, sofre um acidente, facilmente surgirão pensamentos como, *“se ele tivesse ido pelo caminho habitual, então não teria tido o acidente”*, estamos perante um antecedente excepcional e de um resultado excepcional, e a sua mudança leva à normalização. Porém, considerando o caso em que o indivíduo foi por um caminho não habitual, mas nada lhe aconteceu chegando a horas normais a casa, não ocorre a necessidade de mudar o antecedente apesar de ser excepcional, pois o resultado é normal.

3.5. Ordem temporal

Outro fator importante no pensamento contrafactual é a ordem temporal, onde os elementos podem ser mais ou menos alteráveis, de acordo com a sequência em que são apresentados.

Para termos uma melhor noção consideremos o cenário apresentado por Wells et al. (1987), onde um indivíduo tenta chegar a uma loja, atravessando a cidade, para comprar um sistema de som em saldos. O seu percurso é atrasado por diversos obstáculos independentes e quando chega à loja, 35 minutos após ter começado a venda, o último sistema de som tinha acabado de ser vendido uns minutos antes. Os participantes nesta experiência criavam pensamentos, “*se...então...*”, de como o desfecho poderia ser diferente, alterando o primeiro evento apresentado, independentemente de qual evento ocorria na primeira posição.

Os autores consideraram que tal poderia dever-se ao facto de os participantes considerarem que ao remover a primeira causa ser suficiente para alterar as restantes causas e, conseqüentemente, o efeito (Wells et al., 1987). No entanto, através do trabalho de Byrne (2002) podemos ver que este facto não é assim tão linear, pois, quando são apresentados elementos numa sequência temporal, os indivíduos têm tendência para alterar a situação mais recente dessa sequência. Este pressuposto ocorre, pois, o primeiro evento parece adquirir um valor de imutabilidade.

Os indivíduos desfazem mentalmente o primeiro evento numa sequência causal e alteram o último evento numa sequência temporal. Ou seja, quando os eventos são apresentados individualmente (por exemplo, parar para comprar uma revista; beber um café; apanhar um autocarro) existe uma tendência para alterar o primeiro evento (parar para comprar uma revista), mas, quando apresentado numa sequência temporal (por exemplo, saiu de casa e apanhou o autocarro parando numa loja para comprar uma revista e tomou um café a cinco minutos da estação) existe a tendência para alterar o evento mais recente (tomar o café) (Byrne, Segura, Culhane, Tasso & Berrocal, 2000; Segura, Berrocal e Byrne, 2002; Walsh & Byrne, 2004).

Desta forma, podemos ver que são vários os aspetos que influenciam o pensamento contrafactual estando este a desempenhar um papel muito importante na nossa vida,

auxiliando na percepção da situação de uma forma diferente, permitindo evoluir constantemente na procura de diferentes soluções.

4. Formulação de hipóteses

Tendo em conta a literatura analisada é possível verificar a importância do pensamento contrafactual na procura de alternativas, que possam contribuir para melhorar o comportamento futuro ou o estado afetivo (Roese & Olson, 2014/1995). Os nossos esquemas morais desempenham um papel extremamente importante na criação dos contrafactuais, especialmente quando se trata de interações sociais (Byrne, 2016). A escolha dos indivíduos é tida em consideração (Alquist et al, 2015) sendo dada grande importância se uma ação é realizada de forma intencional e deliberada (McCloy & Byrne, 2000). Deste modo, as ações controláveis são maioritariamente alvo de contrafactuais (Giroto et al. 1991), desencadeando maior mutabilidade as ações controláveis e inapropriadas, pois imaginar uma alternativa socialmente adequada é mais fácil (McCloy & Byrne, 2000).

As razões que levaram à ação são sempre ponderadas, sejam razões internas ou externas. Uma razão externa como a obrigação é vista como imutável e agir contra uma obrigação não é socialmente adequado (McCloy & Byrne, 2000; Byrne, 2005). Existe uma lacuna na literatura, que é a ausência de estudos sobre os adolescentes e o pensamento contrafactual ligado às normas sociais. Deste modo, este estudo visa compreender se existem diferenças entre os adultos (de 35 a 50 anos) e os adolescentes (de 15 e 16 anos) relativamente à forma como percebem diferentes situações sociais (Ajudar uma idosa; ajudar um cão atropelado; fumar uma “ganza”; beber uma cerveja; entre outros).

H1: É esperado que tanto os adultos como os adolescentes realizem mais contrafactuais sobre os eventos controláveis do que sobre os eventos incontroláveis.

Estudos mostram que os indivíduos têm tendência a gerar mais contrafactuais sobre os eventos controláveis do que os incontroláveis (e.g. Ir ao bar vs. Ficar retido no trânsito) (Giroto et al. 1991; McCloy & Byrne, 2000). Tanto os adolescentes como os adultos terão a percepção do controlo que o sujeito tem sobre o evento, e se as ações do protagonista levaram ao desfecho da história.

Sabemos que os pensamentos contrafactuais tendem a ser realizados sobre eventos controláveis, nos quais a sua alteração seria o suficiente para prevenir que o resultado final ocorresse (Mandel, 2003). Ao identificar um desfecho menos desejado procede-se à modificação do comportamento que pode alterá-lo, sendo que a mudança do comportamento apenas é possível se o foco é numa ação sobre o controlo do indivíduo (Epstude & Roese, 2008). É fácil perceber se a ação é controlada pelo protagonista, logo é esperado diferenças significativas em ambos os grupos da amostra, relativamente ao facto de ser focado maioritariamente os eventos que estão sobre o controlo do sujeito.

H2: É esperado que os adultos realizem mais contrafactuais sobre os eventos controláveis inapropriados do que sobre os apropriados. Relativamente aos adolescentes espera-se que essa diferença não seja significativa.

É possível observar, tendo por base a investigação de McCloy & Byrne (2000), com uma amostra de adultos, que os eventos controláveis e inapropriados (e.g. parar para beber uma cerveja, quando deveria ir para casa) têm mais tendência a serem alvo de contrafactuais. Será a visão dos adolescentes, sobre o que é apropriado ou inapropriado, diferente dos adultos?

Na maioria dos casos os comportamentos dos adolescentes tendem a estar em conformidade com o grupo, com o intuito de demonstrar compromisso e lealdade (Newman & Newman, 1986, citado por Ribeiro, 2011). Logo, comportamentos como ir ao bar com os amigos poderão ser considerados apropriados, mesmo que implique não realizar um dever, pois têm o desejo de conquistar a amizade do outro. Se assim for, então esses comportamentos serão menos alvo de mudanças contrafactuais nos adolescentes.

5. Método

5.1. Participantes

Os participantes deste estudo são habitantes da Região Autónoma da Madeira, uma amostra escolhida por conveniência, constituído por 36 adultos e 36 adolescentes, perfazendo um total de 72 sujeitos com idades compreendidas entre os 15 anos e 50 anos (\bar{X} =28,61 anos), sendo 52 do sexo feminino (72,22%) e 20 do sexo masculino (27,78%). O grupo de adolescentes é constituído por 23 indivíduos do sexo feminino (63,89%) e 13 indivíduos do sexo masculino (36,11%), encontrando-se maioritariamente na faixa etária dos 16 anos (\bar{X} =15,58 anos). No grupo de adultos obtivemos 29 participantes do sexo feminino (80,56%) e sete indivíduos do sexo masculino (19,44%), a maioria dos adultos encontravam-se numa faixa etária superior aos 40 anos (\bar{X} =41,64 anos). Todos os adolescentes da amostra encontravam-se a frequentar o 10º ano de escolaridade, em relação aos adultos obtivemos um número mais elevado de participantes com um curso superior correspondente à licenciatura (47,22%) (Anexo E).

5.2. Delineamento

No presente estudo temos um desenho fatorial de 3 (tipos de eventos sociais: socialmente apropriado, socialmente inapropriado e incontrolável) \times 2 (níveis etários: adolescentes (15/16 anos), e adultos 35/50anos), sendo o primeiro fator manipulado intra-participantes (within). A variável dependente é o foco da mudança no pensamento contrafactual (evento inapropriado, evento apropriado, evento incontrolável, geral ou outro).

5.3. Material e procedimento

Com o objetivo de analisar o foco de mudança no pensamento contrafactual a partir de histórias lidas, foram criadas três histórias. Cada história continha um antecedente socialmente apropriado (e.g. Ajudar uma idosa com as compras), um socialmente inapropriado (e.g. Beber umas cervejas com os amigos) um incontrolável (e.g. O autocarro avariou) e um elemento neutro (e.g. Comprar uma revista). Todas as histórias tinham um desfecho negativo, que derivava do atraso do personagem principal devido a um conjunto

de eventos como os acima descritos. Todos os personagens apresentavam também algum tipo de obrigação social (e.g. cuidar da irmã; acompanhar a avó a uma consulta; ajudar a tia na loja)

Antes da aplicação dos inquéritos foi realizado um pré-teste, com o objetivo de verificar a adequação das histórias nas duas faixas de população (adultos e adolescentes), bem como do tempo média de aplicação. Para isto foi criado um questionário, utilizando uma escala likert de 0 a 7, sendo 0 totalmente inadequado e 7 totalmente adequado, sendo testado em 14 adultos e 14 adolescentes (Anexo A).

Após a aplicação do mesmo foi possível denotar que o elemento neutro (parar para comprar uma revista; parar para registrar o euromilhões e parar em casa da vizinha para lhe devolver o livro), não era percebido como sendo neutro, mas sim como sendo um evento inapropriado. A maioria dos participantes argumentava, após a aplicação do inquérito, que apesar de o tempo despendido para este evento não ser muito, se o sujeito deveria estar a realizar outra tarefa não seria adequado perder tempo algum, por muito pouco que fosse. Por esse motivo esse tipo de evento foi retirado do nosso estudo, pois já fazia parte dele um outro evento inapropriado (fumar uma “ganza”; fazer grafitis; beber cervejas).

Na versão final deste material, temos então três histórias, com personagens que deveriam estar a realizar alguma tarefa, mas vários acontecimentos os impedem, sendo objetivo o de observar qual dos acontecimentos os participantes têm tendência a alterar. No Anexo B encontram-se as 3 histórias, sendo aqui reproduzida uma delas para exemplificar:

“O Rodrigo teve treinos de judo e ficou de voltar assim que pudesse para casa da avó para a acompanhar a uma consulta ao oftalmologista. No entanto, ao sair dos treinos encontrou os seus amigos que estavam a fazer grafitis numa parede e juntou-se a eles para parecer “fixe”. Já ao voltar para casa da avó encontrou um cão atropelado e levou-o ao veterinário. Nesse dia estavam a ocorrer obras na estrada e o autocarro que apanhou para casa demorou mais do que o habitual. Quando chegou à frente da casa da avó viu uma ambulância que a veio socorrer, pois esta com a falta de vista e com pressa para chegar a horas à consulta, atravessou a estrada sozinha e foi atropelada, tendo fraturado uma costela e um braço.”

Relativamente à recolha de dados, e para a população adolescente, foi realizado um contacto via email em dezembro de 2016 com a escola Padre Manuel Álvares da Ribeira Brava, na Região Autónoma da Madeira, no sentido de obter a disponibilidade e autorização da escola para recolha de dados. A mesma mostrou-se desde logo disponível sendo necessário realizar um pedido formal à Direção Geral da Educação da Madeira. Após terem sido realizados todos os pedidos formais, foi, pois, agendada a recolha de dados. A mesma foi realizada no dia 20 de abril de 2017.

Em relação à população adulta, e visto estarmos perante uma população geral, sem restrições a não ser na variável idade (35-50 anos) foi realizada uma aplicação individual (através de contactos via Facebook, através de aplicação em um café, etc...), em indivíduos que preenchem os requisitos necessários. A mesma decorreu durante duas semanas (17 a 30 de abril). Sendo aplicados os inquéritos pessoalmente um por um, num ambiente com pouco ruído de forma a não destabilizar, são também habitantes da Região Autónoma da Madeira.

A ordem da apresentação das 3 histórias foi aleatória e diferente para cada participante, de modo a evitar algum efeito de ordem. No início do inquérito era apresentado o consentimento informado onde o participante concordava participar na investigação fornecendo alguns dos seus dados, podendo de livre vontade não o fazer se assim desejasse (Anexo C). A aplicação da tarefa teve a duração média de 20 minutos, não sendo desta forma demasiado exaustivo. Antes da entrega dos inquéritos era dada a seguinte instrução inicial: *“Os seguintes inquéritos contêm três histórias, leiam com atenção cada uma das histórias e realizando pensamentos do género, “se...então”, identifiquem que acontecimentos poderiam ser alterados na história de forma a obter um resultado diferente. Se durante o preenchimento for necessário colocar alguma questão estejam à vontade”*.

Após a apresentação das histórias era colocada uma pequena questão de forma a incentivar o pensamento contrafactual, sendo ela a seguinte:

“Quando alguma coisa corre mal, as pessoas muitas vezes imaginam que se algo tivesse acontecido de maneira diferente, então o resultado também teria sido diferente. Que pensamentos deste tipo lhe ocorrem sobre a história que leu? Escreva por favor nas linhas que se seguem (não necessita preencher todas).”

6. Resultados

No presente estudo, as respostas obtidas pelos participantes foram codificadas por dois juízes. Os participantes tinham a liberdade de criar o número de contrafactuais que desejassem, mas para proceder à avaliação foi apenas tido em consideração o primeiro contrafactual criado em cada uma das três histórias, pois à partida foi produzido com maior espontaneidade. A avaliação tinha em consideração sobre que evento da narrativa o sujeito se focava para realizar a alteração, para proceder à sua categorização, sendo possível identificar cinco categorias (Inapropriado; Apropriado; Incontrolável; Geral; Outro), sendo descrito mais em particular cada categoria seguidamente.

Inapropriado- correspondia à mudança do evento inapropriado na narrativa (e.g. “*Se o Rodrigo não tivesse feito grafitis com os amigos então a avó não sairia à pressa e não tinha o acidente*”)

Apropriado- correspondia à mudança do evento apropriado da narrativa (e.g. “*Se o Rodrigo não levasse o cão ao veterinário então a avó não teria sido atropelada*”)

Incontrolável- correspondia à mudança do evento incontrolável da narrativa (e.g. “*Se o Rodrigo tivesse ido a pé em vez de apanhar o autocarro então teria chegado mais cedo para ajudar a avó*”)

Geral- correspondia à anulação de todos os elementos da narrativa (e.g. “*Se o Rodrigo tivesse ido logo para casa após os treinos então a avó não teria sido atropelada*”)

Outro- correspondia a contrafactuais realizados que não se incluíam nas demais categorias (e.g. “*Se os treinos do Rodrigo fossem mais cedo então não se teria atrasado e avó não seria atropelada*”).

Para além da avaliação do evento alterado foi ainda avaliado sobre que personagem da narrativa o participante realizava o contrafactual, pois em alguns casos era possível verificar a referência a um outro personagem que não o principal.

Através do IBM SPSS Statistics v.24 foi realizada uma análise ao Kappa de Cohen de modo a verificar o índice de acordo Inter-juizes. Foi possível verificar que o índice de acordo é excelente uma vez que é ligeiramente superior a .75 ($k=0.754$) (Fleiss, 1981, citado por Fonseca, Silva & Silva, 2007) (Anexo D).

6.1. Análise estatística

Foi possível observar que existiam vários participantes a realizar a sua mudança na ação de um personagem que não o principal. Tentamos então perceber a percentagem de sujeitos que realizava a mudança considerando o personagem principal e a proporção que não o fazia. No geral a mudança realizada tendia para a ação do personagem principal, sendo de 87,04% nos adolescentes e de 85,19% nos adultos. As alternativas criadas utilizando outros personagens apresentavam uma percentagem menor, 12,96% nos adolescentes e 14,81% nos adultos. Deste modo a maioria dos participantes focou o personagem principal da história, perfazendo um total de 86,57% da amostra, como podemos verificar na Tabela 1.

Tabela 1. Percentagem do foco de mudança na ação do personagem principal ou outro nos dois níveis etários.

	<i>Foco no personagem</i>	
	<i>Principal</i>	<i>Outro</i>
<i>Adolescentes</i>	87,04	12,96
<i>Adultos</i>	85,19	14,81
<i>Total</i>	86,57	13,43

No total foram analisados 216 contrafactuais, pois tínhamos em consideração apenas o primeiro contrafactual realizado em cada uma das três histórias, obtendo os valores presentes na Tabela 2. Obtivemos valores distintos nos diferentes grupos, os adolescentes apresentam uma maior mutabilidade dos eventos que se inseriam na categoria inapropriado com 57,41%, seguindo-se do geral (20,37%), outro (15,74%) e incontrolável (5,56%), sendo possível observar que não ocorreu nenhuma mudança relativamente ao evento apropriado (0%). Já em relação aos adultos o maior foco de mutabilidade decorreu sobre o evento geral apresentando um valor de 45,37%, seguido do inapropriado (26,85%), outro (25,93%) e

apropriado (1,85%), verificamos que não se realizou nenhuma mudança no evento incontrolável (0%).

Em relação à totalidade dos participantes, o foco de maior mutabilidade foi o evento inapropriado com 42,13%, de seguida temos os contrafactuais gerais (32,87%), outros (20,84%), e incontrolável (2,78%), o evento apropriado foi o menos alterado apresentando, desta forma, uma percentagem reduzida com apenas 0,93%.

Tabela 2. Percentagem de contrafactuais criados pelos diferentes grupos etários, nas diferentes categorias.

	Adolescentes	Adultos	Global
Inapropriado	57,41	26,85	42,13
Apropriado	0	1,85	0,93
Incontrolável	5,56	0	2,78
Geral	20,37	45,37	32,87
Outro	16,66	25,93	21,29

H1: É esperado que tanto os adultos como os adolescentes realizem mais contrafactuais sobre os eventos controláveis do que sobre os eventos não controláveis

Na nossa primeira hipótese era esperado que ambos os grupos realizassem a maioria dos contrafactuais sobre os eventos da história que eram controlados pelo protagonista. De modo a compreender se existe uma significância estatística quando analisamos os eventos controláveis (apropriados e inapropriados) em comparação com os eventos incontroláveis, utilizamos o teste estatístico Wilcoxon (Anexo F).

Desta forma, em relação ao grupo de adolescentes identificaram-se diferenças estatisticamente significativas quando realizada a comparação do evento incontrolável e inapropriado (5,56% e 57,41%, Wilcoxon test, $Z=-4.367$; $p<.001$). Mas, não existiu diferenças estatisticamente significativas em relação à comparação do evento incontrolável e apropriado (5,56% e 0%, Wilcoxon test, $Z=-1.857$; $p=.063$).

Foi possível verificar o mesmo padrão no grupo de adultos, a comparação entre o evento incontrolável e inapropriado (0% e 26,85%, Wilcoxon test, $Z=-3.810$; $p<.001$)

apresenta diferenças estatisticamente significativas, não se verificando diferenças significativas na comparação do evento incontrolável e apropriado (0% e 1,85%, Wilcoxon test, $Z=-1.414$; $p=.250$).

Desta forma os resultados indicam que o evento controlável inapropriado é maioritariamente modificado, sendo difícil existirem modificações nos eventos apropriados e incontroláveis. Como tal os eventos controláveis (inapropriados e apropriados) apenas apresentaram uma diferença estatística significativa, em relação ao evento incontrolável, quando a situação controlável é inapropriada.

H2: É esperado que os adultos realizem mais contrafactuais sobre os eventos controláveis inapropriados do que sobre os apropriados. Relativamente aos adolescentes espera-se que essa diferença não seja significativa

A segunda hipótese colocada pretendia compreender melhor os contrafactuais realizados relativamente aos eventos controláveis apropriados e os eventos inapropriados. Partimos com a ideia que a diferença estatística entre estes dois eventos seria significativa apenas no grupo dos adultos, pois estariam mais preocupados em modificar o evento inapropriado, não esperando a mesma atitude da parte dos adolescentes.

De forma a compreender se existiam diferenças estatisticamente significativas utilizamos o teste de Wilcoxon (Anexo G), de forma a comparar as categorias inapropriado e apropriado. No grupo de adultos foi, então, possível encontrar diferenças estatisticamente significativas entre o evento apropriado e inapropriado (1,85% e 26,85%, Wilcoxon test, $Z=-3,565$; $p<.001$), como esperado inicialmente. De igual modo, apesar de não esperado, o grupo de adolescentes também apresenta diferenças estatisticamente significativas em relação ao evento apropriado e inapropriado (0% e 57,41%, Wilcoxon test, $Z= -4,925$; $p<.001$).

Obtemos um resultado diferente do esperado inicialmente, pois tanto os adultos como os adolescentes demonstram uma maior facilidade em alterar o evento inapropriado ao invés do apropriado.

Depreendemos que em relação as duas hipóteses colocadas tanto os adultos como os adolescentes demonstram a mesma tendência, no entanto só analisamos a categoria

inapropriado, apropriado e incontrolável. De forma a obter uma análise mais completa consideramos essencial perceber que diferenças existem em todas as categorias, e se existem diferenças significativas quando comparados os dois grupos. Foi utilizado para este fim o teste de Mann-Whitney (Anexo H).

É possível encontrar diferenças significativas em três categorias de contrafactuais, os inapropriados (adultos= 26,85% e adolescentes=57,41%, Mann-Whitney test, $Z=-3.592$; $p<.001$), os gerais (adultos= 45,37% e adolescentes= 20,37%, Mann-Whitney test, $Z=-2.914$; $p=.004$) e os incontroláveis (adultos= 0% e adolescentes= 5,56%, Mann-Whitney test, $Z=-2.914$; $p=.041$).

Não existem diferenças significativas relativamente à categoria apropriado (adultos= 1,85% e adolescentes= 0%, Mann-Whitney test, $Z=-1.424$; $p=.154$) e outro (adultos= 25,93% e adolescentes= 16,66%, Mann-Whitney test, $Z=-1.579$; $p=.114$).

7. Discussão geral

Vivemos em constante interação com o outro, aprendemos e transmitimos os nossos valores. Mas em que medida analisamos as situações da mesma forma? Será que a forma como pensávamos em adolescentes é a mesma que em adultos?

Sabemos que vários fatores influenciam a adolescência, sejam eles interpessoais, intrapessoais e culturais (Schoen-Ferreira et al. 2003). É durante este período que se inicia a criação de projetos futuros, sendo fundamental a experimentação de vários papéis, para que desta forma o adolescente possa construir a sua identidade e os seus valores (Martins, Trindade & Almeida, 2003).

Sendo a adolescência um período de grande transformação, física e emocional, onde os adolescente se veem confrontados com uma sociedade que se rege por determinados valores morais, o objetivo deste estudo foi aprofundar a forma como são realizados os contrafactuais em diferentes faixas etárias (adultos e adolescentes), quando são apresentados três diferentes tipos de situações que impediram um personagem de cumprir uma obrigação: situações socialmente inapropriadas (e.g. *Quando terminou as aulas a Maria aceitou ir ao bar beber umas cervejas*), socialmente apropriadas (e.g. *Foi à livraria comprar um livro necessário para um exame*) e incontroláveis (e.g. *O autocarro onde ia avariou e teve de esperar uma hora por outro*).

O nosso estudo mostrou que os adolescentes estão maioritariamente preocupados em modificar o evento inapropriado apresentado na história. Observamos a ausência da mutabilidade do evento controlável apropriado, não confiávamos que o evento inapropriado fosse o maioritariamente modificado, isto porque apesar de se tratarem de atividades inapropriadas do ponto de vista social, eram atividades realizadas com o grupo de pares.

Segundo Dias (2009) a adolescência é um período de construção onde o grupo de pares apresenta uma grande importância para cada adolescente. E estar em conformidade com o grupo é o mais importante (Clasen & Brown, 1985 citado por Ribeiro, 2011). Parece-nos deste modo que existiu uma preocupação elevada da parte dos adolescentes em seguir os padrões sociais que lhe são pedidos, o que talvez indique que estes se guiaram mais de acordo com a desejabilidade social do que pessoal.

Em relação à amostra de adultos observamos que a maioria dos contrafactuais foram categorizados como gerais, ou seja, todos os eventos apresentados na história eram eliminados (e.g. “*se o rodrigo fosse logo para casa então nada teria acontecido*”), surgiu assim um ponto de vista novo que parece ser indicador de que cumprir diretamente com a obrigação social resultaria no final satisfatório. Acreditávamos que o evento inapropriado seria o maior foco de mutabilidade neste grupo, o facto de não ter sido poderá estar relacionado com a obrigação social do personagem, pois cumprir com a mesma é o mais importante, tornando outra qualquer atividade desnecessária. E mais uma vez vemos que, apesar de existir alguma mudança do evento socialmente apropriado, esta é mínima, demonstrando assim a inclinação para não alterar estes eventos.

De uma forma generalizada a nossa amostra dá conta de uma maior mutabilidade do evento inapropriado, estes resultados vão ao encontro dos apresentados por McCloy e Byrne (2000), que nos indicava que as ações não adequadas moralmente tenderão a ser modificadas em primeiro lugar. O facto de o protagonista da história se encontrar perante uma situação de obrigação social pode ter facilitado as alternativas mentais criadas, pois como sabemos através do estudo de Byrne (2005), as obrigações sociais são vistas como algo imutável, logo perante um evento controlável e inapropriado (e.g. “*Ao sair da aula encontrou uns amigos seus a fumar uma “ganza” e decidiu juntar-se a eles*”), é fácil imaginar uma alternativa permitida que seja adequada moralmente e como tal não existem grandes dificuldades para proceder à sua modificação (Walsh & Byrne, 2007). Deste modo, os eventos controláveis e inapropriados serão mais facilmente modificados, não acontecendo o mesmo se o evento fosse socialmente adequado (McCloy & Byrne, 2000)

Se mantivermos na mente que os pensamentos contrafactuais dizem respeito a ações passadas e o seu intuito é o de alterar os acontecimentos e deste modo modificar o resultado obtido (Faccioli, Justino & Schelini, 2015), quando surge uma situação socialmente apropriada não será moralmente correto altera-la, pois vai contra o que nos foi incutido pela sociedade. Observamos, durante a aplicação da tarefa, alguns comentários por parte dos participantes que evocavam esta necessidade de seguir os padrões adequados moralmente (e.g. “*Não fica bem dizer que as coisas seriam diferentes se a Joana não ajudasse a velhinha*”).

Tentámos perceber se as situações controláveis, quer sejam apropriadas ou inapropriadas, seriam modificadas com maior frequência que os eventos incontroláveis, e concluímos através da nossa amostra de adolescentes que apenas existia diferenças, significativas quando comparamos o evento inapropriado com o incontrolável (57,41% e 5,56%). Apesar de não existir diferenças significativas entre o evento apropriado e o evento incontrolável (0% e 5,56%), sabemos que existiu alguma modificação do evento incontrolável, este é um aspeto que pode estar relacionado com a obrigação do protagonista, pois cumpri-la é fundamental.

Em relação ao grupo de adultos verificamos que só existiam diferenças significativas, de igual modo, quando comparamos o evento inapropriado com o incontrolável (26,85% e 0%), desta forma o evento inapropriado sofria mais alterações que o evento incontrolável. Não existiu diferenças significativas entre o evento apropriado e o evento incontrolável (1,85% e 0%). O facto de existir, mesmo que mínima, alguma modificação do evento apropriado pode estar relacionada, de novo, com a obrigação do protagonista pois o fundamental seria cumprir com o dever, levando a que ocorra a alteração de outros eventos que não eram expectáveis.

No total da amostra podemos observar, apesar de não ser estatisticamente significativo, que foi mais fácil modificar o evento incontrolável em vez do evento socialmente apropriado (2,78% e 0,93%). Este facto é demonstrador do poder que a sociedade exerce e da necessidade de inculcar regras de boa conduta nos indivíduos, levando a uma dificuldade em sair dos padrões exigidos. Não seguir as normas sociais é impensável, portanto, é mais fácil alterar uma situação embora esta se encontre fora do controlo do sujeito. Deste modo encontramos em ambos os grupos a mesma tendência. As alterações do evento controlado pelo protagonista são mais frequentes quando a situação apresentada é socialmente inapropriada, podendo estar relacionado com o facto de os participantes perceberem os protagonistas como responsáveis pelas suas decisões, portanto, sendo responsáveis poderiam ter atuado de forma diferente, sobretudo se a ação levou ao desfecho negativo.

Tal vai ao encontro do estudo realizado por Girotto et al (1991), pois a situação modificada com maior frequência era a que estivesse sob o controlo do sujeito. E ainda podemos complementar com o estudo realizado por McCloy e Byrne (2000) de onde

sabemos que são alteradas com maior facilidade as situações que se devem a uma decisão que o sujeito tomou de forma intencional e deliberada.

No entanto, como observamos nem todas as situações controláveis foram maioritariamente alteradas, o evento apropriado foi o que demonstrou ser o menos mutável (0,93%), quando comparando com todos os outros eventos. Pode estar relacionado com os aspetos que absorvemos da sociedade em que estamos inseridos, porque aprendemos que as normas são para cumprir e está errado não as seguir. Tal vai ao encontro do estudo realizado por McCloy e Byrne (2000), é muito difícil modificar um evento socialmente adequado, pois vai contra os padrões incutidos socialmente.

Quando realizamos a comparação de ambos os grupos em relação às diferentes variáveis encontramos diferenças significativas em três eventos, o evento inapropriado, geral e incontrolável. O facto de o evento incontrolável ter apresentado diferenças estatisticamente significativas é resultado da alteração que alguns adultos realizaram, ao contrário dos adolescentes que não realizaram nenhuma modificação sobre este evento, podendo como já referimos estar relacionado com a obrigação do protagonista, porque cumprir com a mesma era o único ponto que interessava.

O evento inapropriado foi maioritariamente focado pelos adolescentes e não pelos adultos, ao contrário do que estávamos à espera, isto significa que a H2 colocada inicialmente ocorreu de forma não esperada. Parece deste modo, existir uma preocupação maior por parte dos adolescentes em manter uma certa atitude de conformidade com as normas da sociedade, não sabemos, no entanto, se esta atitude só serviu para mostrar conhecimento das normas e mostrar que está inserido na sociedade, pois ser aceite desempenha um papel importante na vida dos indivíduos, e nesta etapa começam a entender a importância das impressões que causam nos outros.

A maioria dos contrafactuais criados pelos adultos inseriam-se na categoria geral, o que levou a esta diferença estatística quando comparado os dois grupos. Os contrafactuais gerais criados eram idênticos em ambos os grupos, pois ambos realizam a anulação de todos os elementos da narrativa (e.g. “*Se o Rodrigo tivesse ido logo para casa então a avó não teria sido atropelada*”). No entanto, mostrou-se com valores mais elevados na faixa etária dos adultos (45,37%) parece-nos deste modo que o que se mostrou importante era cumprir a tarefa, pois nenhum evento deveria ter ocorrido, dando a ideia de que qualquer evento não

aconteceria se o personagem fosse logo cumprir com o seu dever. A percentagem elevada nesta categoria levou a que existam menos contrafactuais no evento inapropriado, no entanto, a finalidade esperada com esta modificação é idêntica nos dois tipos de alteração, cumprir com a obrigação.

Quando categorizados os contrafactuais damos conta de uma percentagem elevada na categoria Outros (21,29%). Esta categoria fazia referência a três géneros de contrafactuais sendo eles: eliminar mais do que uma situação mantendo uma, exemplo, “*Se a Maria fosse apenas comprar o livro então teria cuidado da sua irmã*”; focar na ação de outro personagem, exemplo, “*se a avó fosse mais paciente e esperasse pelo neto então não teria sido atropelada*”; e ainda outras alternativas que não se inseriam nos dois géneros anteriores, exemplo, “*se a Joana não tivesse agendado com a tia*”.

Considerando apenas esta categoria Outros, denotamos que 64,28% destes contrafactuais foram realizados pelos adultos e apenas 35,72% foram realizados pelos adolescentes. Os adolescentes mantiveram o seu foco de mudança na ação de um outro personagem (28,58%), por exemplo “*se a tia esperasse pela joana então não teria pegado na mesa e desenvolvido uma hérnia*”, já os adultos dividiram-se entre mudar a ação de outro personagem (30,95%) dando exemplos como, “*se a tia tivesse uma empregada na loja não precisava da ajuda da joana*” ou “*se a mãe não fosse à consulta então a irmã não teria ficado sozinha em casa*”, e focar outras alternativas (28,59%), por exemplo “*se os treinos do rodrigo fossem mais cedo então não se teria atrasado*” ou “*se a irmã de 11 anos não ficasse sozinha em casa então não teria queimado a mão*”.

Os pensamentos realizados visavam deste modo alterar elementos que levasse o personagem a cumprir com a tarefa que tinha de realizar, por exemplo, “*se o rodrigo não tivesse treinos de judo então estaria mais disponível para cuidar da avó*”, mesmo alterando situações menos comuns de serem modificadas, demonstrando assim a preocupação por parte dos adultos em ter um desfecho positivo.

À medida que realizamos a categorização dos contrafactuais observamos que a maioria dos pensamentos são ascendentes, pois previam como a situação poderia ser alterada para obter um desfecho satisfatório. Podemos ainda observar que a maioria dos pensamentos realizados, considerando a sua estrutura, eram subtrativos, os participantes limitavam-se a eliminar um elemento da narrativa de forma a alterar o resultado final.

Como vemos no estudo de Roese & Olson (1997) os contrafactuais aditivos levam à criação de planos para aperfeiçoar o comportamento, no caso do nosso estudo os participantes estavam a ler a história de alguém desconhecido, desse modo não surge a necessidade de melhorar o seu comportamento estando indiferentes ao mesmo, procedendo à eliminação de um elemento que considerassem adequado para modificar o resultado final. Se fossem o protagonista da história talvez existisse o desejo de melhorar criando mais opções, adicionando novos elementos.

Como podemos encontrar em vários estudos (Giroto, Ferrante, Pighin & Gonzalez, 2007; Pighin, Byrne, Ferrante, Gonzalez & Giroto, 2011), ler um cenário é diferente do que quando o experienciamos, e, os contrafactuais criados em ambas as situações são distintos. Quando os participantes são os leitores da história existe um maior foco na pessoa e nas suas ações, alterando os antecedentes que estão dentro do controlo do sujeito e que desfaz o resultado negativo da situação. Sendo que existe um maior desejo de mudança e de melhorar a performance quando o próprio é protagonista da sua história (Morris & Moore, 2000; Roese & Epstude, 2017).

Foi possível encontrar várias limitações ao longo do nosso estudo, uma das dificuldades que surgiu inicialmente foi a pouca quantidade de artigos existentes sobre o pensamento contrafactual e os eventos sociais, não existindo uma revisão sistemática do tema, o que dificultou a escrita e suporte das hipóteses. A amostra é outro fator limitante devido ao seu tamanho reduzido, pois é uma amostra escolhida por conveniência da qual fazem parte 36 adolescentes e 36 adultos. Sendo limitante também o facto do material utilizado se tratar de cenários hipotéticos podendo levar a uma não identificação dos participantes com o personagem.

As histórias apresentadas eram sobre adolescentes que realizam variadas atividades quando tinham uma obrigação, deste modo, futuras investigações poderiam realizar histórias que alternassem entre personagens adultos e adolescentes de forma a descobrir se as mesmas atividades em idades distintas mudam o tipo de contrafactuais criados. Encontramos na literatura a informação que os eventos incontroláveis são de difícil mutação pois encontram-se fora do controlo do sujeito, os nossos resultados indicam, que o evento apropriado era menos alterado que o evento incontrolável, deste modo, seria curioso averiguar como eram

realizados os contrafactuais apenas na presença de eventos apropriados e de eventos incontroláveis.

Em suma concluímos que os pensamentos contrafactuais são importantes ferramentas para continuar a evoluir e procurar alternativas que levam a um final mais satisfatório. Através deste estudo conseguimos depreender que os adolescentes modificam com maior frequência o evento inapropriado. A sociedade tem o poder de inculcar normas nos indivíduos fazendo com que atuem de acordo com o esperado. Para os adultos a maioria dos contrafactuais realizados inseriam-se na categoria dos gerais, nenhum dos elementos presentes na história deveria ter sido realizado, pois levou a que a obrigação não fosse cumprida. Uma das razões que leva a que a mudança do evento inapropriado seja superior nos adolescentes, é devido ao foco que os adultos dão noutras categorias, nomeadamente, no geral e outro, mas podemos concluir que ambos os grupos focam maioritariamente o evento inapropriado em vez do evento apropriado, e que ao contrário do esperado os adolescentes encontram-se de igual modo comprometidos com as responsabilidades sociais.

9. Referências

- Alquist, J.L., Ainsworth, S.E., Baumeister, R.F., Daly, M. & Stillman, T., (2015). The making of might-have-been: Effects of free will belief on counterfactual thinking. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 41(2), 268-283.
- Byrne, R.M.J. (2002). Mental models and counterfactual thoughts about what might have been. *Trends in Cognitive Sciences*, 6(10).
- Byrne, R.M.J. (2005). *The rational imagination: how people create alternatives to reality*. England: The MIT press Cambridge.
- Byrne, R.M.J. (2016). Counterfactual Thought. *Review of psychology*, 67, 7.1-7.23.
- Byrne, R.M.J. & Quelhas, A.C. (1999). Raciocínio contrafactual e modelos mentais. *Análise Psicológica*, 4(17), 713-721.
- Byrne, R.M.J., Segura, S., Culhane, R., Tasso, A. & Berrocal, P. (2000). The temporality effect in counterfactual thinking about what might have been. *Memory and cognition*, 28(2), 264-281.
- Byrne, R.M.J. & Tasso (1999). Deductive reasoning with factual, possible and counterfactual conditionals. *Memory & Cognition*, 27(4), 726-740.
- Dehghani, M., Iliev, R. & Kaufmann, S. (2012). Causal explanation and fact mutability in counterfactual reasoning. *Mind & language*, 27(1), 55-85.
- Dias, M.J.C.R. (2009). *Comportamentos, atitudes e valores dos alunos numa sociedade tolerante*. (Tese de mestrado, Universidade Fernando Pessoa, Faculdade de ciências humanas e sociais, Porto). Recuperado de http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1408/1/dm_mariajoaodias.pdf
- Epstude, K. & Roese, N.J., (2008). The functional theory of counterfactual thinking. *Social psychology review*, 12(2), 168-192.
- Faccioli, J.S., Justino, F.L.C. & Schelini, P.W. (2015). Elaboração de técnica para avaliar o pensamento contrafactual em adultos. *Estudos e pesquisas em psicologia*, 15(1), 196-217.

- Fonseca, R., Silva, P. & Silva, R. (2007). Acordo inter-juízes: o caso do coeficiente kappa. *Laboratório de psicologia*, 5(1), 81-90.
- Gavanski, I. & Wells, G.L., (1989). Counterfactual processing of normal and exceptional events. *Journal of Experimental Psychology*, 25, 314-325.
- Gilovich, T. & Medvec, V.H., (1994). The Temporal Pattern to the Experience of Regret. *Journal of Personality and Social Psychology*, 67(3), 357-365.
- Gilovich, T. & Medvec, V.H., (1995). The experience of regret: what, when, and why. *Psychological review*, 102(2), 379-395.
- Giroto, V., Legrenzi, P. & Rizzo, A., (1991). Event controllability in counterfactual thinking. *Acta Psychologica*, 78, 11-133.
- Giroto, V., Ferrante, D., Pighin, S. & Gonzalez, M. (2007). Postdecisional counterfactual thinking by actors and readers. *Association for Psychological Science*, 18(6), 510-515.
- Guglielmo, S. & Malle, B.F., (2010). Can Unintended Side Effects Be Intentional? Resolving a Controversy Over Intentionality and Morality. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 36(12), 1635-1647.
- Hattiangadi, N., Medvec, V.H. & Gilovich, T. (1995). Failing to act: regrets of terman's geniuses. *Aging and human development*, 40(3), 175-185.
- Johnson, M.K. & Sherman, S.J. (1990). Constructing and reconstructing the past and the future in the present. In E. T. Higgins & R.M. Sorrentino (Eds.), *Handbook of motivation and cognition: foundations of social behavior* (pp. 482-526). New York: The Guilford Press.
- Kahneman, D. & Miller, D.T. (1986). Norm Theory: Comparing reality to its alternatives. *Psychological review*, 93(2), 136-153.
- Kahneman, D. & Tversky, A. (1982). The Simulation heuristic. In D. Kahneman, P. Slovic & A. Tversky (Eds.), *Judgment Under Uncertainty: Heuristics and Biases* (pp. 201-208). New York: Cambridge University Press.

- Kahneman, D. & Varey, C.A. (2008). Causal and counterfactual reasoning. In J. E. Adler & L.J. Rips (Eds.), *The loser that almost won* (639-651). New York: Cambridge University Press.
- Macrae, C.N. (1992). A tale of two curries: counterfactual thinking and accident-related judgments. *Personality and social psychology, 18*(1), 84-87.
- Mandel, D.R. (2003). Effect os counterfactual and factual thinking on causal judgements. *Thinking and reasoning, 9*(3), 245-265.
- Markman, K.D., Gavanski, I., Sherman, S.J. & McMullen, M.N., (1993). The mental simulation of better and worse possible worlds. *Journal of Experimental social Ipsychology, 29*, 87-109.
- Markovits, H., (2014). *The Developmental Psychology of Reasoning and Decision-Making*. New York: Psychology Press.
- Martins, P.O., Trindade, Z.A. & Almeida, A.M.O. (2003). O ter e o ser: representações sociais da adolescência entre adolescentes de inserção urbana e rural. *Psicologia: Reflexão e critica, 16*(3), 555-568.
- McCloy, R. & Byrne, R.M.J., (2000). Counterfactual thinking about controllable events. *Memory & Cognition, 28*(6), 1071-1078.
- McEleney, A. & Byrne, R.M.J., (2006). Spontaneous counterfactual thoughts and causal explanations. *Thinking & reasoning, 12*(2), 235-255.
- Medvec, V.H., Madey, S.F. & Gilovich, T. (1995). When less is more: counterfactual thinking and satisfaction among olympic medalists. *Journal of personality and social psychology, 69*(4), 603-610.
- Miller, D.T. & McFarland, C. (1986). Counterfactual thinking and victim compensation: a test of norm theory. *Personality and social psychology, 12*(4), 513-519.
- Miller, D.T. & Turnbull, W. (1990). The counterfactual fallacy: confusing what might have been with what ought have been. *Social justice research, 4*(1), 1-19.

- Morris, M.W. & Moore, P.C. (2000). The lessons we (don't) learn: counterfactual thinking and organizational accountability after a close call. *Administrative science quarterly*, 45(4), 737-765.
- Pighin, S., Byrne, R.M.J., Ferrante, D., Gonzalez, M. & Giroto, V. (2011). Counterfactual thoughts about experienced, observed, and narrated events. *Thinking & Reasoning*, 17(2), 197-211.
- Rasga, C.M.B.S. (2015). *Como as crianças raciocinam sobre as intenções: inferências de falsas crenças e contrafactuais*. (Tese de doutoramento, ISPA-Instituto Universitário, Lisboa). Recuperado de <http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/3869/1/TES%20RASG%201.pdf>
- Ribeiro, S.R.T. (2011). Perceção da pressão de pares na tomada de decisão dos adolescentes. (Tese de mestrado, Universidade de Lisboa, Faculdade de psicologia). Recuperado de http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4856/1/ulfpie039628_tm.pdf
- Roese, N.J. (1997). Counterfactual thinking. *Psychological bulletin*, 121(1), 133-148.
- Roese, N.J. & Epsude K. (2017). The functional theory of counterfactual thinking: new evidence, new challenges, new insights. *Advances in experimental and social psychology*, 56, 1-79. In <http://dx.doi.org/10.1016/bs.aesp.2017.02.001>.
- Roese, N.J. & Olson, J.M., (1997). Counterfactual thinking: the intersection of affect and function. *Advances in experimental social psychology*, 29.
- Roese, N.J. & Olson, J.M. (2014). *What might have been: the social psychology of counterfactual thinking*. New York: Psychology press. (Obra original publicada em 1995).
- Roese, N.J. & Summerville, S. (2005). What we regret most... and why. *Personality and social psychology*, 31(9), 1273-1285.
- Sanna, L.J. & Turley-Ames, K.J. (2000). Counterfactual intensity. *European journal of social psychology*. 30, 273-296.

- Schoen-Ferreira, T.H., Aznar-Farias, M. & Silveiras, E.F.M. (2003). A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. *Estudos de psicologia*, 8(1), 107-115.
- Scholl, A. & Sassenberg, K. (2014). Where could we stand if i had...? How social power impacts counterfactual thinking after failure. *Journal of experimental social psychology*, 53, 51-61.
- Seelau, E.P., Seelau, S.M., Wells, G.L. & Windschitl, (2014). Counterfactual Constraints. In N. J. Roese & J. M. Olson (Eds.), *What Might Have Been: The Social Psychology of Counterfactual Thinking* (pp.57-79, edition 2014). New York: Psychology Press.
- Segura, S., Berrocal, P.F.F. & Byrne, R.M.J. (2002). Temporal and causal order effects in thinking about what might have been. *The quarterly journal of experimental psychology*, 55(4), 1295-1305.
- Segura, S. & McCloy, R. (2001). Exceptional and temporal effects in counterfactual thinking. *Cognitive science society*, 23. Retirado de <http://escholarship.org/uc/cognitivesciencesociety?volume=23;issue=23>
- Sherman, S.J. & McConnell, A.R. (2014). Dysfunctional implications of counterfactual thinking: when alternatives to reality fail us. In Roese, N.J. & Olson, J.M. (Eds), *What might have been: the social psychology of counterfactual thinking* (pp. 199-231), (obra original publicada em 1995).
- Silva, A.I.M. (2013). Disciplina na escola: reflexões sobre a realidade portuguesa. *Interfaces científicas*, 1(3), 55-69. Recuperado de <https://periodicos.set.edu.br/index.php/educacao/article/viewFile/558/411>
- Smallman, R. & Roese, N.J. (2009). Counterfactual thinking facilitates behavioral intentions. *Journal of experimental social psychology*, 45, 845-852.
- Smallman, R. & McCulloch, K.C. (2012). Learning from yesterday's mistakes to fix tomorrow's problems: when functional counterfactual thinking and psychological distance collide. *European journal of social psychology*, 42, 383-390.

- Sousa, P.M.L. (2006). Desenvolvimento moral na adolescência. Retirado de <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0296.pdf>.
- Walsh, C. & Byrne, R.M.J. (2004). Counterfactual thinking: temporal order effect *Memory & cognition*, 32(3), 369-378.
- Walsh, C.R. & Byrne, R.M.J., (2007). How people think “if only...” about reasons for actions. *Thinking and Reasoning*, 13(4), pp. 461-483.
- Wells, G.L., Taylor, B.R. & Turtle, J.W. (1987). The undoing of scenarios. *Journal of personality and social psychology*, 53(3), 421-430.
- Williams, C.W. & Lees-Haley, P.R. (1996). The role os counterfactual thinking and causal attribution in accident-related judgments. *Journal of applied social psychology*, 26(23), 2100-2112.
- Wong, E.M., Galinsky, A.D. & Kray, L.J., (2009). The counterfactual mind-set: A decade of Research. *In Handbook of Imagination and Mental Simulation*, (pp.161).

Anexos

Anexo A – Categorização da amostra

Tabela 3. Frequência e percentagem do sexo na amostra.

		SEXO		
		<i>Adolescentes</i>	<i>Adultos</i>	<i>Total</i>
<i>Sexo Feminino</i>	Frequência	23	29	52
	Percentagem	63,89	80,56	72,22
<i>Sexo Masculino</i>	Frequência	13	7	20
	Percentagem	36,11	19,44	27,78

Tabela 4. Frequência, percentagem e média das idades na amostra.

		Idade		Média
		Frequência	Percentagem	
Adolescentes	15 anos	15	41,67	15,58
	16 anos	21	58,33	
Adultos	<40 anos	14	38,89	41,64
	>40 anos	22	61,11	

Tabela 5. Nível de escolaridade dos adultos da amostra

Nível de escolaridade dos adultos				
Ensino Obr.	Ensino Sup.	Licenciatura	Mestrado	Doutoramento
22,22	27,78	47,22	0	2,78



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

O pensamento contrafactual em diversos tipos de eventos sociais

Obrigada pela sua participação neste estudo. Por favor leia atentamente cada história e a instrução que a ela se segue.

Preencha por favor os seguintes dados:

Idade: 14

Sexo: M

Leia a seguinte história com atenção:

Na terça-feira a mãe da Maria disse-lhe para voltar para casa logo que terminasse as aulas porque ia a uma consulta e a sua irmã de 11 anos ia ficar sozinha em casa.

Mas quando terminaram as aulas a Maria aceitou o convite das amigas para ir ao bar beber umas cervejas. Depois de sair do bar foi à livraria comprar um livro necessário para um exame que iria ter. De seguida apanhou o autocarro para casa, mas o mesmo avariou e teve de esperar uma hora por outro. Já na sua rua parou para registar o euromilhões e foi para casa.

Quando chegou a casa viu a irmã a chorar por ter queimado a mão a brincar com fogão. Já no hospital o médico informou que a queimadura era grave e que tinha desenvolvido uma infeção.

Instruções: Esta história contém uma série de situações que poderão ser consideradas socialmente adequadas ou inadequadas. Por favor leia cada item cuidadosamente e faça uma cruz por baixo do número que melhor descreve o que considera ser aquela situação. O 1 corresponde a considerar a situação totalmente inadequada, e o 7 a totalmente adequada.

Ir ao bar beber umas cervejas

Totalmente inadequada 1	2	3	4	5	6	Totalmente adequada 7
		x				

Comprar um livro necessário para um exame

Totalmente inadequada 1	2	3	4	5	6	Totalmente adequada 7
						x

Apanhar o autocarro para casa que avariou pelo caminho

Totalmente inadequada 1	2	3	4	5	6	Totalmente adequada 7
				x		

Parar para registar o euromilhões

Totalmente inadequada 1	2	3	4	5	6	Totalmente adequada 7
	x					

Leia a seguinte história com atenção:

O Rodrigo teve treinos de judo e ficou de voltar assim que pudesse para casa da avó para a acompanhar a uma consulta ao oftalmologista.

No entanto ao sair dos treinos encontrou os seus amigos que estavam a fazer grafitis numa parede e juntou-se a eles para parecer “fixe”. Já ao voltar para casa da avó encontrou um cão atropelado e levou-o ao veterinário. Nesse dia estavam a ocorrer obras na estrada e o autocarro que apanhou para casa demorou mais do que o habitual. Já a caminho, parou na casa de uma vizinha só para lhe devolver um livro e foi para casa.

Quando chegou à frente da casa da avó viu uma ambulância que a veio socorrer, pois esta, com a falta de vista e com pressa para chegar a horas à consulta, atravessou a estrada sozinha e foi atropelada, tendo fraturado uma costela e um braço.

Instruções: Esta história contém uma série de situações que poderão ser consideradas socialmente adequadas ou inadequadas. Por favor leia cada item cuidadosamente e faça uma cruz por baixo do número que melhor descreve o que considera ser aquela situação. O 1 corresponde a considerar a situação totalmente inadequada, e o 7 a totalmente adequada.

Fazer grafitis na parede com os amigos

Totalmente inadequada 1	2	3	4	5	6	Totalmente adequada 7
		X				

Encontrar um cão atropelado e leva-lo ao veterinário

Totalmente inadequada 1	2	3	4	5	6	Totalmente adequada 7
					x	

Apanhar o autocarro para casa demorando mais tempo devido às obras

Totalmente inadequada 1	2	3	4	5	6	Totalmente adequada 7
			X			

Parar em casa da vizinha para lhe devolver o livro

Totalmente inadequada 1	2	3	4	5	6	Totalmente adequada 7
					x	

Leia a seguinte história com atenção:

A Joana combinou com a sua tia ajuda-la na loja, logo a seguir à sua aula de natação, pois a empregada estava de férias.

Ao sair da aula encontrou uns amigos seus a fumar uma “ganza” e decidiu juntar-se a eles. Já no caminho para a loja encontrou uma senhora velhinha carregada com compras e ajudou-a a transportar os sacos. Continuando o seu percurso encontrou uma manifestação na rua da loja da tia, o que fez com que demorasse mais a lá chegar. Perto da loja parou para comprar uma revista.

Quando lá chegou a sua tia estava caída no chão sem se conseguir mover. Percebeu que a tia tinha pegado numa mesa demasiado pesada e já no hospital, o médico disse que a tia tinha desenvolvido uma hérnia e precisava de ser operada.

Instruções: Esta história contém uma série de situações que poderão ser consideradas socialmente adequadas ou inadequadas. Por favor leia cada item cuidadosamente e faça uma cruz por baixo do número que melhor descreve o que considera ser aquela situação. O 1 corresponde a considerar a situação totalmente inadequada, e o 7 a totalmente adequada.

Fumar uma “ganza” com os amigos

Totalmente inadequada 1	2	3	4	5	6	Totalmente adequada 7
	x					

Ajudar uma idosa a transportar as compras

Totalmente inadequada 1	2	3	4	5	6	Totalmente adequada 7
			X			

Ficar bloqueado numa manifestação

Totalmente inadequada 1	2	3	4	5	6	Totalmente adequada 7
			X			

Parar para comprar uma revista

Totalmente inadequada 1	2	3	4	5	6	Totalmente adequada 7
	x					

OBRIGADA!

Anexo C - Material aplicado

Leia atentamente cada uma das seguintes histórias e responda à questão colocada no final.

Na terça-feira a mãe da Maria disse-lhe para voltar para casa logo que terminasse as aulas porque ia a uma consulta e a sua irmã de 11 anos ia ficar sozinha em casa.

Mas quando terminaram as aulas a Maria aceitou o convite das amigas para ir ao bar beber umas cervejas. Depois de sair do bar foi à livraria comprar um livro necessário para um exame que iria ter. De seguida apanhou o autocarro para casa, mas o mesmo avariou e teve de esperar uma hora por outro.

Quando chegou a casa viu a irmã a chorar por ter queimado a mão a brincar com fogão. Já no hospital o médico informou que a queimadura era grave e que tinha desenvolvido uma infeção.

Quando alguma coisa corre mal, as pessoas muitas vezes imaginam que se algo tivesse acontecido de maneira diferente, então o resultado também teria sido diferente. Que pensamentos deste tipo lhe ocorrem sobre a história que leu? Escreva por favor nas linhas que se seguem (não necessita preencher todas):

Se: _____

então _____

Se: _____

então _____

Se: _____

então _____

Se: _____

então _____

O Rodrigo teve treinos de judo e ficou de voltar assim que pudesse para casa da avó para a acompanhar a uma consulta ao oftalmologista.

No entanto ao sair dos treinos encontrou os seus amigos que estavam a fazer grafitis numa parede e juntou-se a eles para parecer “fixe”. Já ao voltar para casa da avó encontrou um cão atropelado e levou-o ao veterinário. Nesse dia estavam a ocorrer obras na estrada e o autocarro que apanhou para casa demorou mais do que o habitual.

Quando chegou à frente da casa da avó viu uma ambulância que a veio socorrer, pois esta com a falta de vista e com pressa para chegar a horas à consulta, atravessou a estrada sozinha e foi atropelada, tendo fraturado uma costela e um braço.

Quando alguma coisa corre mal, as pessoas muitas vezes imaginam que se algo tivesse acontecido de maneira diferente, então o resultado também teria sido diferente. Que pensamentos deste tipo lhe ocorrem sobre a história que leu? Escreva por favor nas linhas que se seguem (não necessita preencher todas):

Se: _____

então _____

Se: _____

então _____

Se: _____

então _____

Se: _____

então _____

A Joana combinou com a sua tia ajuda-la na loja, logo a seguir à sua aula de natação, pois a empregada estava de férias.

Ao sair da aula encontrou uns amigos seus a fumar uma “ganza” e decidiu juntar-se a eles. Já no caminho para a loja encontrou uma senhora velhinha carregada com compras e ajudou-a a transportar os sacos. Continuando o seu percurso encontrou uma manifestação na rua da loja da tia, o que fez com que demorasse mais a lá chegar.

Quando lá chegou a sua tia estava caída no chão sem se conseguir mover. Percebeu que a tia tinha pegado numa mesa demasiado pesada e já no hospital, o médico disse que a tia tinha desenvolvido uma hérnia e precisava de ser operada.

Quando alguma coisa corre mal, as pessoas muitas vezes imaginam que se algo tivesse acontecido de maneira diferente, então o resultado também teria sido diferente. Que pensamentos deste tipo lhe ocorrem sobre a história que leu? Escreva por favor nas linhas que se seguem (não necessita preencher todas):

Se: _____

então _____

Se: _____

então _____

Se: _____

então _____

Se: _____

então _____

Mais uma vez obrigada pela sua participação



Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica

Consentimento Informado

Ano Letivo 2016/2017

Obrigada pela sua participação neste estudo, este intitula-se o pensamento contrafactual em diversos tipos de eventos sociais. Trata-se de ler três histórias referentes a diferentes situações e imaginar o que poderia ter sido alterado para que o final tivesse um resultado melhor. Não existe qualquer risco associado a esta investigação para nenhum dos intervenientes, e será garantida toda a confidencialidade e anonimato dos participantes.

Declaro que fui informado:

- a) da liberdade da minha participação no presente estudo, bem como do meu direito de retirar meu consentimento a qualquer momento;
- b) da garantia de receber resposta a qualquer dúvida acerca dos procedimentos e outros assuntos relacionados com a aplicação do estudo;
- c) da segurança de que não serei identificado e que se manterá o carácter confidencial das informações registadas;
- d) de que não serão apresentados quaisquer riscos físicos ou psicológicos na participação do presente estudo.

Para além disso, poderei esclarecer qualquer dúvida, através:

Email: 24115@aluno.ispa.pt

Para efeitos estatísticos, será necessário preencher:

Sexo: Feminino Masculino

Idade: _____

Ano Escolar: _____

Repetiu algum ano: Sim Não Qual? _____

Madeira _____ de 20__

Assinatura do participante

Assinatura do investigador



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**ISPA – Instituto Superior de Ciências Psicológicas,
Sociais e da Vida**

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica

Consentimento Informado

Ano Letivo 2016/2017

Declaro que fui informado:

- a) da liberdade da minha participação no presente estudo, bem como do meu direito de retirar meu consentimento a qualquer momento;
- b) da garantia de receber resposta a qualquer dúvida acerca dos procedimentos e outros assuntos relacionados com a aplicação do estudo;
- c) da segurança de que não serei identificado e que se manterá o caráter confidencial das informações registadas;
- d) de que não serão apresentados quaisquer riscos físicos ou psicológicos na participação do presente estudo.

Para além disso, poderei esclarecer qualquer dúvida, através:

Email: 24115@aluno.ispa.pt

Madeira, __ de _____ de 201_

Assinatura do participante

Assinatura do investigador

Para efeitos estatísticos, será necessário preencher:

Sexo: Feminino Masculino

Idade: _____

Grau de escolaridade:

Ensino Obrigatório

Ensino Secundário ou Equivalente

Licenciatura

Mestrado

Doutoramento

Anexo E – Output do acordo inter-juízes, Kappa de cohen.

Tabela 6. Output do acordo inter-juizes, Kappa de cohen

		Medidas Simétricas				
		Valor	Erro Padrão Assintótico ^a	T Aproximado ^b	Significância Aproximada	Significância Exata
Medida de concordância	Kappa	,754	,036	16,937	,000	,000
Nº de Casos Válidos		216				

a. Não assumindo a hipótese nula.

b. Uso de erro padrão assintótico considerando a hipótese nula.

Anexo F- Wilcoxon test, relativo a H1

Tabela 7. Teste de Wilcoxon para a amostra de adolescentes, comparação do evento incontrolável com o evento inapropriado e comparação do evento incontrolável com o evento apropriado

<i>Estatística de teste^a</i>		
	Incontrolável- Inapropriado	Incontrolável- Apropriado
<i>Z</i>	-4.367 ^b	-1.857 ^b
<i>Assymp. Sig (2-tailed)</i>	.000	.063
<i>Exact Sig. (2-tailed)</i>	.000	.125
<i>Exact Sig. (1-tailed)</i>	.000	.063
<i>Point Probability</i>	.000	.063

a. Teste de Postos Assinados por Wilcoxon

b. Com base em postos positivos.

Tabela 8. Teste de Wilcoxon para a amostra de adultos, comparação do evento incontrolável com o evento inapropriado e comparação do evento incontrolável com o evento apropriado.

<i>Estatística de teste^a</i>		
	Incontrolável- Inapropriado	Incontrolável- Apropriado
<i>Z</i>	-3.810 ^b	-1.414 ^b
<i>Assymp. Sig (2-tailed)</i>	.000	.157
<i>Exact Sig. (2-tailed)</i>	.000	.500
<i>Exact Sig. (1-tailed)</i>	.000	.250
<i>Point Probability</i>	.000	.250

a. Teste de Postos Assinados por Wilcoxon

b. Com base em postos positivos.

Anexo G- Wilcoxon teste, relativo a H2

Tabela 9. Teste de Wilcoxon para a amostra de adolescentes, comparação do evento apropriado com o inapropriado.

<i>Estatística de teste^a</i>	
	Apropriado- Inapropriado
Z	-3.565 ^b
Assymp. Sig (2-tailed)	.000
Exact Sig. (2-tailed)	.000
Exact Sig. (1-tailed)	.000
Point Probability	.000

a. Teste de Postos Assinados por Wilcoxon

b. Com base em postos positivos.

Tabela 10. Teste de Wilcoxon para a amostra de adolescentes, em relação à comparação do evento apropriado com o inapropriado.

<i>Adolescentes – Estatística de teste^a</i>	
	Apropriado- Inapropriado
Z	-4.925 ^b
Assymp. Sig (2-tailed)	.000
Exact Sig. (2-tailed)	.000
Exact Sig. (1-tailed)	.000
Point Probability	.000

a. Teste de Postos Assinados por Wilcoxon

b. Com base em postos positivos.

Anexo H – Comparação de grupos utilizando o teste de Mann-Whitney.

Tabela 11. Teste de Mann-Whitney para a comparação entre grupos, dos diferentes contrafactuais criados.

	<i>Mann-Whitney</i>				
	Evento inadequado	Evento apropriado	Evento incontrolável	Geral	Outro
<i>U de Mann-Whitney</i>	340.500	612.000	576.000	403.500	522.000
<i>Wilcoxon</i>	1006.500	1278.000	1242.000	1069.500	1188.000
<i>W</i>					
<i>Z</i>	-3.592	-1.424	-2.043	-2.914	-1.579
<i>Sig.</i>	.000	.154	.041	.004	.114